



COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África

Tamires da Silva Cordeiro

**LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁFRICA
LUSÓFONA**
principais lideranças e influência do marxismo-leninismo

Rio de Janeiro
2020

Tamires da Silva Cordeiro

**LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁFRICA LUSÓFONA – PRINCIPAIS
LIDERANÇAS E INFLUÊNCIA DO MARXISMO-LENINISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador Professor Dr. Adjovanes Thadeu Silva de Almeida

Rio de Janeiro

2020

COLÉGIO PEDRO II

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

C794 Cordeiro, Tamires da Silva
Lutas de libertação nacional na África lusófona – principais lideranças e influência do marxismo-leninismo / Tamires da Silva Cordeiro. – Rio de Janeiro, 2020.
67 f.

Monografia (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.
Orientador: Adjovanes Thadeu Silva de Almeida.

1. África – História – Estudo e ensino. 2. África portuguesa. 3. Marxismo. 4. Leninismo. 5. Anticolonialismo. 6. Movimentos de libertação nacional. I. Almeida, Adjovanes Thadeu Silva de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Tamires da Silva Cordeiro

**LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁFRICA LUSÓFONA – PRINCIPAIS
LIDERANÇAS E INFLUÊNCIA DO MARXISMO-LENINISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 17/02/2020.

Adjovanes Thadeu Silva de Almeida (Orientador)
Colégio Pedro II

Luciano de Moura Guimarães
Colégio Pedro II

Júlio César Paixão
Colégio Pedro II

*Ao meu querido avô, Gerson Antônio da Silva (in
memorian)*

“E quando chegar a liberdade, eu poderei dizer ‘bom dia...bom dia, bom dia, camaradas!’ Quando as crianças de Angola tiverem escolas, quando as mulheres forem mais alegres, quando acabar a exploração em Angola, eu poderei então dizer ‘bom dia, camarada’. Abaixo os reacionários de todas as cores, seja preto, branco ou mulato. Com o MPLA, a reação não passará...”

(David Zé)

RESUMO

CORDEIRO, Tamires da Silva. **Lutas de libertação nacional na África lusófona:** principais lideranças e influência do marxismo-leninismo. 2020. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho trata da história contemporânea da África, especialmente sobre as lutas anticoloniais e de libertação nacional ocorridas em países africanos lusófonos, sendo eles: Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, e Moçambique. Para isso procura destacar a atuação e a trajetória das principais lideranças dos principais movimentos envolvidos, sendo eles: Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel. Outro elemento também destacado é a influência da ideologia marxista-leninista e do movimento comunista internacional nesse processo. Em meio ao período da Guerra Fria, o mundo estava dividido em dois polos principais, capitalista e socialista, encabeçados, respectivamente, pelos EUA e URSS. Nesse contexto os países e povos do chamado terceiro mundo se viram em meio a essa disputa, e o auxílio teórico, político e militar da URSS foi determinante para a consolidação das lutas anticoloniais e de libertação nacional no contexto pós-guerra. Agostinho, Cabral e Machel se identificavam como marxista-leninistas, e seus movimentos procuraram seguir os preceitos teóricos dessa ideologia, ainda que muitas vezes procurassem adaptá-los à realidade de seus países. A construção de uma sociedade africana emancipada e socialista era o objetivo, de modo a garantir a melhora das condições de vida da população e ao mesmo tempo romper com os regimes racistas colonialistas europeus na África. Desse modo, pretende-se utilizar do estudo desse período histórico e de suas lideranças para apresentar o povo africano como sujeito de sua própria história, lideranças essas não apenas no aspecto político e militar, mas sobretudo intelectual e até mesmo carismático, a medida que souberam mobilizar e organizar as massas de seus respectivos países em prol de um objetivo comum, a libertação e emancipação nacional.

Palavras-chave: África Lusófona. Marxismo-leninismo. Colonialismo. Lutas de Libertação Nacional. Lideranças Africanas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Agostinho Neto	20
Figura 2 – Bandeira de Angola, com a roda dentada representando os operários e a industrialização; e a catana, representando os camponeses e luta pela independência – junto da estrela de cinco pontas, símbolo da causa socialista de construção de uma sociedade comunista.....	21
Figura 3 – Amílcar Cabral	27
Figura 4 – Bandeira do PAIGC	27
Figura 5 – Samora Machel.....	34
Figura 6 – Bandeira de Moçambique, com uma enxada representando os camponeses, o fuzil kalashnikov representando a luta pela independência, e um livro, símbolo do estudo e da ciência, todos sob uma estrela de cinco pontas, símbolo da causa socialista	34
Figura 7 – África Lusófona	44
Figura 8 - Agostinho Neto e militantes do MPLA recebem a visita de Che Guevara. Em representação do MPLA, Agostinho Neto participa em Alvor, Portugal, na assinatura do acordo para a constituição do “governo de transição”. A 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto proclama a independência de Angola.....	45
Figura 9 - Urna com os restos mortais de Agostinho Neto chega a Luanda	45
Figura 10: Fidel e Agostinho Neto	46
Figura 11 - O comandante e a guerrilha, formação do exército de libertação.....	46
Figura 12 – Amílcar Cabral e Fidel Castro	47
Figura 13 – Amílcar com membros do exército de libertação	48
Figura 14 - Amílcar Cabral e as mulheres combatentes do PAIGC	49
Figura 15 - 24 de Setembro de 1973 a Guiné-Bissau declara-se independente de Portugal	49
Figura 16 – O primeiro momento de Moçambique enquanto nação. Foi assim que no dia 25 de junho de 1975 a bandeira portuguesa hasteada no Estádio da Machava, na então ainda Lourenço Marques e atual Maputo, dava lugar à bandeira da FRELIMO, que seria também a do recém formado país independente. Assim nascia a República Popular de Moçambique....	50
Figura 17 – Desfile público em comemoração pela vitória da Frente de Libertação de Moçambique na Guerra de Independência	51

Figura 18 – Samora Machel, líder militar e primeiro presidente de Moçambique, discursa na Proclamação de Independência do país, em 25 de junho de 1975	51
Figura 19 – Funeral de Amílcar Cabral	52
Figura 20 - Caixão com os restos mortais de Samora Machel transportado pelo bureau político da Frelimo.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O MOVIMENTO COMUNISTA E A LUTA ANTICOLONIAL NO SÉCULO XX	13
3. PRINCIPAIS LIDERANÇAS: VIDA, LUTA E IDEOLOGIA	20
3.1. Agostinho Neto	20
3.2. Amílcar Cabral	27
3.3. Samora Machel	34
4. HISTÓRIA DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA: LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁFRICA LUSÓFONA, IDEOLOGIAS E LIDERANÇAS	39
4.1. Objetivos	39
4.2. Conceitos e Noções	40
4.3. Conteúdo do Curso	42
4.4. Procedimentos e Estratégias	42
4.5. Recursos didáticos.....	44
4.5.1. Mapas:	44
4.5.2. Imagens:	45
4.5.3. Poemas:.....	52
4.5.4. Músicas:.....	58
4.5.5. Vídeos:.....	59
4.5.6. Hinos:	59
4.6. Método de Avaliação	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentados os movimentos de Libertação Nacional dos países da África Lusófona (Angola, Guiné-Bissau/Cabo-Verde e Moçambique) e a influência do Marxismo-Leninismo nos partidos e lideranças que foram fundamentais nesse processo de libertação, em especial nas personalidades de Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel. Sendo assim, uma questão fundamental que se coloca logo de início no desenvolvimento deste trabalho é a compreensão do contexto em que se deu essa influência de caráter político nessas lideranças e quais foram os fatores determinantes para que esse processo se realizasse, destacando o papel de cada uma dessas personagens históricas em seus respectivos países e movimentos de libertação nacional.

A importância em se realizar uma pesquisa sobre esse assunto se assenta na Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, de modo que este trabalho possa servir para contribuir no sentido de apresentar os africanos não apenas como possuidores de uma história como também protagonistas da mesma. Além disso, o trabalho vem se somar no sentido de promover maior intercâmbio de conhecimento no Brasil a respeito de seus países irmãos do ponto de vista da língua, apontando para acontecimentos políticos de grandes consequências que se verificaram nos principais países africanos lusófonos em sua história contemporânea. Optou-se, quando possível, pela utilização de autores e referências de pesquisadores africanos, a fim de que a perspectiva destes fosse respeitada.

Sendo assim, tem por objetivo enfatizar a importância das lutas de Libertação Nacional como o principal acontecimento histórico emancipador do século XX, infelizmente pouco abordado pelo marxismo ocidental (LOSURDO, 2018) e, conseqüentemente, no Brasil, apresentando a hipótese de que o marxismo-leninismo, enquanto movimento político, exerceu um papel fundamental como instrumento de luta para os povos africanos se libertarem do domínio colonial, em especial do colonialismo português.

O trabalho está dividido em 5 sessões, sendo a primeira esta mesma introdução; seguido por uma seção sobre o contexto político em que se deram os movimentos de libertação nacional na África lusófona, destacando a influência do movimento comunista internacional. A terceira seção se subdivide em outras três, cada uma das subseções tratando de um país e suas respectivas lideranças e movimentos marxista-leninistas de libertação

nacional. A quarta seção aborda o conteúdo e organização do curso que será oferecido, baseado nas informações das seções 2 e 3. Por fim, a última seção, as considerações finais.

2. O MOVIMENTO COMUNISTA E A LUTA ANTICOLONIAL NO SÉCULO XX

O recorte e momento histórico objeto dessa pesquisa, portanto, se refere ao período compreendido no segundo pós-guerra, quando emerge uma nova ordem mundial no campo da geopolítica, representada na dualidade exercida, de um lado, pelos EUA, representante da ordem capitalista global, e a URSS, representante do campo socialista, que naquela altura se colocava como uma alternativa política, social e econômica à hegemonia estadunidense recém consolidada em escala internacional.

Foram nesse mesmo contexto que tiveram início os movimentos de descolonização na Ásia e África, na esteira do pós-guerra, quando a ideologia racista representada pelo nazifascismo do eixo fora derrotada pelas forças aliadas. Isso fez com que as bases do sistema colonial, abertamente racista, fossem abaladas na sua suposta justificação ideológica de hierarquização racial e submissão de uma raça por outra. Portanto, “a crise dos sistemas coloniais europeus estava ligada fundamentalmente à ascensão da União Soviética e dos Estados Unidos a um papel hegemônico no cenário político mundial” (VILLEN, 2013, p. 24).

Uma das evidências dessas transformações na ordem global se expressou através de órgãos multilaterais recém-criados, especialmente a Organização das Nações Unidas – ONU, fundada em 1945, proclamando-se a igualdade absoluta de todas as raças, culminando com a aprovação, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, estabelecendo “o direito à autodeterminação e a um governo independente dos povos sob domínio colonial” (VILLEN, 2013, p. 23).

O colonialismo português nesse cenário, como não poderia deixar de ser, para que pudesse se manter, teve que de alguma maneira se readaptar às novas condições. A “situação de declínio das potências coloniais [...] [foi] acompanhada de uma mudança das legitimações tradicionais dos sistemas coloniais” (VILLEN, 2013, p. 27).

O primeiro a se destacar nesse sentido é sua posição periférica. Ou seja, Portugal, ao contrário da Inglaterra e França, que possuíam vastas colônias na África e na Ásia, não podia se considerar uma potência colonial, visto que não era uma potência econômica. Portanto, a submissão colonial dos povos africanos ao colonialismo português era, antes de tudo, uma submissão colonial à um império periférico, o que acarretaria em particularidades às lutas de libertação nesses territórios dominados.

[...] temos de ter bem claro o entendimento do fato de que o colonialismo português não se regia por conta própria. A esse propósito, convém lembrar-nos aqui a posição periférica que Portugal ocupava, desde séculos, no mercado mundial. O aludido fato determinava [...] uma posição de “submissão colonial” relativa a um “império

periférico”. [...] “o país se alimentava das bases coloniais apenas porque outros também se beneficiavam da sua condição de semi-metrópole. Algo que se evidenciou com a importância cada vez maior do capital estrangeiro nas colônias africanas nos anos 1960” (VILLEN, 2013 apud SECCO, 2004, p. 25).

Portugal não era um país com muitos recursos, ocupava uma posição periférica comparado com outras potências europeias. Mas havia um potencial militar que estava ligado a OTAN, que por consequência recebia apoio material e estratégico de Inglaterra, França e EUA, reprimindo os movimentos de libertação. A esse propósito, inclusive, Amílcar Cabral, líder do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde – PAIGC, referindo-se à repressão e poderio bélico do colonialismo português sob os povos africanos, afirmara:

Não nos iludamos. Todos sabem que Portugal não fabrica aviões nem mesmo como brinquedos para crianças. A agressão portuguesa contra o nosso povo envolve também os aliados de Portugal, inclusive os EUA e a Grã-Bretanha. Eis portanto uma outra vantagem da nossa luta: nos ajuda a reconhecer amigos e inimigos do nosso povo, da África (DAVIDSON, 1970, p. 13).

Sendo assim, teve início no pós-guerra uma mudança no discurso colonial português a fim de justificar sua presença nos territórios colonizados. Foi reforçada a retórica da *tolerância racial*, e o país foi apresentado perante a comunidade internacional como uma *nação unitária e plurirracial* por excelência, constituída organicamente pelas populações da metrópole e das agora denominadas *províncias ultramarinas*, não mais chamadas oficialmente de colônias. Tentou-se inclusive se utilizar de um discurso sobre uma suposta “missão civilizadora” de Portugal na África, de certa forma semelhante ao adotado pela França. A diferença é que, ao contrário desta última, que se apresentava como berço dos ideais iluministas, humanistas e republicanos, Portugal adotou o artifício religioso de se apresentar como uma nação cristã que em tese estaria exercendo sua “missão” de levar aos povos africanos a doutrina católica. (VILLEN, 2013).

No tocante a Portugal, a sua presença em África tinha sido um objectivo de grande interesse que era alimentado por factores não só económicos, mas também culturais, religiosos e civilizacionais que vinham já desde os séculos XV e XVI. No entanto, o interesse português pela África só se acentuou depois da independência do Brasil, em 1822, colocando, a partir dessa data, todas as atenções no continente negro, para onde a ideia de criar um novo império tinha sido definida. Com a elevada importância para o corredor africano do Atlântico, «a manutenção das possessões ultramarinas era considerada por muitos pensadores e políticos portugueses como sendo uma necessidade vital para o país», associando o conceito tradicional do cumprimento de «uma missão histórica colonial que justificava a presença lusa, ao longo dos séculos, em África» (CAPOCO, 2013 p. 43).

No entanto, na prática, a situação concreta ainda era de completa submissão política e cultural dos povos africanos colonizados em relação à metrópole portuguesa, que vivia sob o regime fascista de Salazar, o que obviamente favorecia a manutenção do colonialismo português, que não se constrangia em lançar mão de métodos altamente repressivos quando seu poder fosse ameaçado em seus domínios coloniais. É nesse contexto que a questão nacional entra na ordem do dia dos movimentos populares africanos. Muito influenciados pelo que vinha ocorrendo no restante do mundo, tendo como marcos a independência da Índia em relação à Grã-Bretanha, em 1947, e, principalmente, no continente africano a independência de Gana, em 1957, sob a liderança do socialista Kwame Nkrumah, e a libertação da Argélia diante do colonialismo francês, em 1962.

Os movimentos de libertação nacional em África surgem atrelados ao movimento pan-africanista. A esse respeito, destaca-se o Quinto Congresso Pan-africano, realizado em 1945, na cidade de Manchester, onde foi estabelecida sua direção abertamente política, considerando a unidade dos diversos povos africanos como uma exigência, atribuindo um sentido concreto para as lutas dos movimentos de libertação nacional (VILLEN, 2013). Outro importante acontecimento nesse sentido se deu em 1958, em Gana recém-independente, quando então Kwame Nkrumah traduziu bem essa direção ao declarar que “a independência de Gana é privada de sentido se não for ligada à libertação de todo o continente africano” (VILLEN, 2013, p. 36).

Villen (2013) aponta que o movimento Pan-africanista estipulou quatro etapas para orientar as políticas e lutas pela emancipação dos povos africanos: (1) a independência nacional; (2) a consolidação nacional; (3) a unidade transnacional e comunitária; e, (4) numa perspectiva abertamente marxista-leninista, a reconstrução econômica e social segundo os princípios do *socialismo científico*.

A esse respeito, vale uma breve recuperação histórico-conceitual de como a questão nacional, e, mais que isso, a luta dos povos contra o colonialismo emerge como ponto central do movimento socialista de caráter marxista-leninista no século XX e vai culminar na influência nos movimentos de libertação nacional da África lusófona e em suas principais lideranças.

Como muito bem explanado por Manoel (2019), remontando ainda a Marx, que embora não tenha aprofundado o tema em suas obras, identifica-se que as formas de dominação burguesa podem muito bem manifestar-se diferenciadamente conforme o lugar, nesse caso, fazendo uma clara distinção entre metrópole e colônia, atribuindo ao capitalismo as particularidades do sistema colonial de seu tempo. A profunda hipocrisia, a intrínseca

barbárie da civilização burguesa se apresentam diante de nós sem disfarces, assim que das grandes metrópoles, onde elas assumem formas respeitáveis, voltamos os olhos para as colônias, onde passeiam desnudas (MARX, 2013 apud MANOEL, 2019).

Se por questões históricas Marx e Engels não puderam acompanhar o desenrolar do colonialismo vinculado ao desenvolvimento do capitalismo na Europa Ocidental e seus desdobramentos mundiais, é com Lênin (2012) que a questão do sistema colonial entra na ordem do dia do movimento político socialista e marxista. Em *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*, o revolucionário russo constrói uma teoria criativa e portanto atualizada do pensamento marxista, identificando a exploração dos povos colonizados pelas grandes corporações financeiras como o elemento chave do sistema capitalista a partir do início do século XX, o que iria culminar na concorrência dos impérios capitalistas e colonizadores, conformando em novos desafios para o movimento socialista em escala mundial. Em outras palavras, “o capitalismo monopolista proporcionava uma capacidade/necessidade de investimentos e domínio de territórios além dos marcos nacionais que impulsionou um novo ciclo colonialista em direção à África e à Ásia” (MANOEL, 2019, p. 33).

Esse olhar sobre as colônias, para além da Europa, inclusive, era um aspecto marcadamente negligenciado pela II Internacional Socialista, que tinha no operariado dos países centrais do capitalismo de então sua sustentação, ainda muito vinculados ao pensamento social-democrata, sem uma perspectiva revolucionária e, muito menos, anticolonial.

É apenas após a Revolução Bolchevique de 1917 que, em março de 1919, com a criação da III Internacional, ou, Internacional Comunista, a exploração imperialista sob os povos colonizados, em especial em África e Ásia, ganhará seu merecido destaque nas lutas de classes que se desenvolviam no seio do sistema capitalista mundial das primeiras décadas do século XX.

Os bolcheviques não só chamaram os proletários do mundo para unir-se, mas como os povos das colônias e semi-colônias a quebrar suas correntes. Lenin, em especial, deu grande importância a criar seções da IC nos países coloniais. Pela primeira vez na história do movimento operário, buscava-se uma ligação orgânica entre a luta socialista na metrópole e a luta anticolonial na periferia do sistema. A IC também expressou a primeira onda de mundialização do marxismo. [...] Só com a IC é que o marxismo tornou-se realmente global, com a criação de várias organizações comunistas na América, África e Ásia (MANOEL, 2019).

A esse respeito, sobre a novidade da III Internacional em relação à II Internacional, e portanto sobre o *leninismo* enquanto atualização da teoria marxista às condições de dominação e exploração do capitalismo de então, Stalin (1980, p. 76-77) diz:

Dezenas e centenas de milhões de homens dos povos asiáticos e africanos, que sofreram a opressão nacional de forma mais bruta e cruel, ficavam geralmente fora do seu horizonte visual [da Segunda Internacional]. [...] O leninismo colocou a descoberto esta incongruência escandalosa, rompeu a muralha entre os negros e os brancos “cultos” e “incultos” do imperialismo e vinculou assim o problema nacional ao problema das colônias.

Portanto, fazendo uma articulação entre essas bases anticoloniais colocadas pelo pensamento e prática política marxista-leninista e os movimentos de libertação nacional e de luta anticolonial da África, com base em Manoel (2019), identificam-se “duas ondas” de revoluções nacionais no continente africano pós-guerra. Se a primeira onda, ocorrida basicamente nos anos 1950 e 1960, adquire um caráter mais próximo do padrão democrático-burguês e democrático-popular, com ênfase na independência política e no desenvolvimento econômico e valorização da identidade nacional; a chamada “segunda onda”, em particular nos anos 1970, é composta por

dois processos interligados: a *luta de independência das antigas colônias portuguesas*, luta que passou por uma cruenta guerrilha de anos de resistência, e os processos de golpes de estado ou levantes militares onde os novos dirigentes do Estado proclamaram o objetivo socialista, assumindo uma forma de modernização pelo alto [grifo nosso] (MANOEL, 2019, p. 50).

No que se refere ao foco de nossa pesquisa, as lutas de libertação da África lusófona, destacam-se os movimentos ocorridos em três países: Cabo Verde e Guiné Bissau,¹ Angola e Moçambique. Portanto, como sugerido acima, “o caso da independência das colônias africanas evidencia com clareza que não se tratou de uma retirada voluntária do governo português” (VILLEN, 2013, p. 32)². Ao contrário, “será nesse contexto mais amplo do pan-africanismo e das lutas afro-asiáticas [...] que tomam forma os movimentos de libertação nacional nas colônias portuguesas”, culminando na formação de partidos políticos a partir de meados dos anos 1950 com inclinações abertamente nacionalistas e marxista-leninistas, destacando-se: o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola); a FRELIMO (Frente

¹ Que posteriormente, em 1980, viriam a se separar e dar origem a dois países distintos.

² Devido à resistência contra a dominação colonial, houve muitos casos de repressão orquestrados pelo governo português. Um massacre, devido aos protestos da população de Bengo, Angola, causou 30 mortos e 200 feridos. Em Porto Pidgiguiti, foram contabilizadas 50 mortes e centenas de feridos. Já em Moçambique o massacre foi no vilarejo de Wiriyamu, com 400 pessoas mortas. E, na ilha de São Tomé, o extermínio foi maior, 1.032 mortos em Batepa, durante a greve contra o trabalho forçado.

de Libertação de Moçambique); e o PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde).³

Esses três movimentos, embora desenvolvidos em localidades distintas, compartilhavam de muitas semelhanças que iam além do fato de sofrerem pela opressão do mesmo colonialismo português. Mais que anticolonialistas, ambos partiam de uma perspectiva também anti-neocolonialista, ou seja, preocupavam-se em, mesmo após obter a independência política em relação a Portugal, em não serem subjugados em sua soberania pela dominação econômica do imperialismo estadunidense; além disso, após a percepção da não operacionalidade dos métodos pacíficos por conta da forte repressão (prisões e mortes), comungavam da perspectiva revolucionária de tomada do poder e do uso da luta armada para atingir este objetivo,⁴ em síntese, “defendia-se a realização de um trabalho político, social e econômico de longo termo para a destruição da estrutura colonial por meio de um projeto de desenvolvimento socialista” (VILLEN, 2013, p. 42-43).

Portanto, as relações entre o continente africano com países do bloco socialista remetem desde a época pós-revolução bolchevique no ano de 1917, liderada por Lênin, que prometeu a cooperação do Estado Soviético a todos os povos colonizados. E, posteriormente, a URSS e, em alguns momentos, a República Popular da China, prestaram ajuda a esses movimentos africanos na luta anticolonial e pela independência, sustentando o marxismo-leninismo e a revolução anticolonial de libertação nacional como parte de um projeto maior de consolidação do bloco socialista e sua influência no mundo. No caso da África sob domínio colonial português, a libertação se deu através da luta e da participação ativa dos intelectuais marxistas, com destaque para Amílcar Cabral e Agostinho Neto que fundaram o PAIGC e o MPLA, respectivamente.

“Todo o poder ao povo” – gritavam os negros e negras empunhando armas de fogo e livros de Lenin e de Mao Tse-Tung. Exigir o impossível era algo muito realista. Nesse contexto histórico de esperanças e de coragem, *a África se levanta da longa noite de massacres coloniais para não só afirmar que tinha História, como reconstruir sua história*. Os processos de descolonização, controlados pelas antigas potências, ou com resistência ativa dos *condenados da terra*,⁵ aconteciam em todo continente. [...] Era o tempo de Aimé Césaire, Agostinho Neto, Amílcar Cabral,

³ Isso sem falar no CLSTP (Comitê pela Libertação de São Tomé e Príncipe), de São Tomé e Príncipe, que também integrou esse movimento.

⁴ “Os resultados da ação armada promovida naquele período na Argélia pela Frente de Libertação Nacional (FLN) convencem em definitivo os movimentos de libertação nacional portugueses da ideia que, em face da violência da dominação colonial, somente seria possível responder por meio da violência” (VILLEN, 2013, p. 43).

⁵ Termo utilizado por Franz Fanon, revolucionário negro de origem caribenha que influenciou a luta de libertação da Argélia, para se referir aos povos subjugados pelo sistema colonialista em vigor em pleno desenvolvimento do capitalismo em escala global. Para mais informações ver Fanon (2005).

Samora Machel, Kwame Nkrumah, Frantz Fanon, Thomas Sankara, Patrice Lumumba, Steve Biko e outros (MANOEL, 2019, p. 13, grifo nosso).

É sobre Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel, lutadores imprescindíveis para a vitória dos movimentos de luta de Libertação Nacional de Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, e Moçambique, respectivamente, que iremos nos ocupar nas próximas páginas.

3. PRINCIPAIS LIDERANÇAS: VIDA, LUTA E IDEOLOGIA

3.1. Agostinho Neto

Figura 1 – Agostinho Neto



Fonte: http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/agostinho_netto_um_percurso_historico. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 2 – Bandeira de Angola, com a roda dentada representando os operários e a industrialização; e a catana, representando os camponeses e luta pela independência – junto da estrela de cinco pontas, símbolo da causa socialista de construção de uma sociedade comunista.



Fonte: <http://www.bandeiras-nacionais.com/bandeira-angola.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

De nome Antônio Agostinho Neto, o principal líder da luta de libertação de Angola nasceu em setembro de 1922, em Kaxicane, distrito de Luanda. Era filho da professora Maria d’Silva Neto e de Agostinho Neto, seu pai, que era catequista de missão americana em Luanda, além de professor e pastor. Agostinho concluiu o primário no ano de 1934 em Luanda, onde prosseguiu seus estudos secundários. Trabalhou como funcionário dos serviços de saúde e por isso embarcou para Portugal com interesse de cursar a Faculdade de Medicina em Coimbra.

Lá participou das atividades sociais, políticas e culturais da seção de Coimbra da Casa dos Estudantes do Império. Já no ano de 1947 surge o grupo que atuou com o lema “Vamos Descobrir Angola”, dando início ao Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola onde Agostinho Neto foi integrante, mesmo vivendo em Portugal.

Os movimentos para a Libertação de Angola eram os porta-vozes da maioria da população que desejava dar um fim à colonização. Esses movimentos de libertação, ou seja, movimentos para a emancipação de Angola, começaram na diáspora, onde muitos estudantes angolanos que partiram em direção à metrópole portuguesa para cursarem sua graduação, formaram várias organizações de caráter libertário. Destaque para a fundação dos estudantes da Casa do Império, onde estavam Agostinho Neto, Mario Pinto de Andrade e outros angolanos e ainda estudantes de São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau, e que proporcionava encontros

onde se falavam sobre seus respectivos países e as maneiras que deveriam adotar para fazer suas idéias propagarem de Lisboa para a África (MONIZ, 2018, p.59).

Em 1948, Agostinho recebeu uma bolsa de estudos pelos Metodistas americanos, e mais tarde transferiu-se para a Faculdade de Medicina de Lisboa, onde passa a residir, e continua suas atividades na Casa dos Estudantes. Agostinho Neto, junto de Lucio Lara e Orlando Albuquerque, fundam em Coimbra a revista *Momento*, onde atua como colaborador.

Em 1950 foi preso pela primeira vez pela PIDE,⁶ em Lisboa, no momento em que recolhia assinaturas para a Conferência Mundial da Paz de Estocolmo, ficando encarcerado por três meses. Ainda no mesmo ano, funda clandestinamente, em parceria de Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Francisco José Tenreiro e Marcelino dos Santos o Centro de Estudos Africanos, que tinha finalidades culturais e políticas orientadas para a afirmação da nacionalidade africana.

No ano de 1951, se torna representante da Juventude das colônias portuguesas junto do MUD - Juvenil (Movimento de Unidade Democrática) português, sendo preso novamente pela PIDE em Lisboa. Neste mesmo ano, autoridades policiais portuguesas terminam com o Centro de Estudos Africanos. Logo após, funda o Club Marítimo Africano, em Lisboa, com trabalhadores marítimos angolanos, fonte de transmissão entre os patriotas angolanos que estavam em Portugal e os que estavam em Angola, preparando os alicerces do movimento de libertação.

Em 1955 foi novamente preso, recebendo a pena de dezoito meses de prisão.⁷ Durante esse tempo foi realizado o 1º Congresso de Escritores e Artistas Negros, onde Marcelino dos Santos participa, e a ausência de Neto é lamentada; e em 1956 funda-se o MPLA (Movimento popular de Libertação de Angola), em 10 de dezembro, a partir da fusão de vários movimentos patrióticos.

O MPLA, desde o início, identificado com o marxismo-leninismo, pró-soviético, caracterizava-se por uma ideologia de esquerda inspirada no modelo dos países do Leste europeu, seguindo a doutrina da União Soviética. Nesta lógica, é como diz Armando Marques Guedes: «o MPLA tem, tradicionalmente, uma visão marxista, era internacionalista, cosmopolita». Proclamando seguir a linha de acção das forças progressistas do mundo, o MPLA sensibilizava os seus militantes e as massas populares no quadro de uma ideia de unidade que se pautaria no centralismo

⁶ Polícia política do regime de Salazar, Polícia Internacional de Defesa do Estado.

⁷ Nessa ocasião é feita uma petição internacional que circula nos meios intelectuais a pedir a sua libertação, que é assinada por nomes prestigiados como Aragon, Simone de Beauvoir, François Mariac, Jean-Paul Sartre e o poeta cubano Nicolás Guillén, na França.

partidário como forma de caracterizar a unidade da nação angolana (CAPOCO, 2013 p. 111).

Em julho de 1957 foi solto das prisões do PIDE. No ano seguinte se casa com Maria Eugênia Neto e é licenciado em medicina pela Universidade de Lisboa. Toma parte na fundação do Movimento Anticolonialista (MAC), que congregava patriotas de diversas colônias portuguesas para uma ação revolucionária conjunta nas cinco colônias portuguesas: Angola, Guiné –Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

No ano de 1959, assistiu-se a uma escalada de terror policial em Luanda, onde prisões massivas de nacionalistas proeminentes foram efetuadas. Em julho do mesmo ano ocorreram novas escaladas de terror, mais prisões e julgamentos aplicados aos integrantes do MPLA. Em Lisboa nasceu seu primeiro filho Mário Jorge Neto no ano de 1958, já em 1959 partiu de Lisboa para Luanda, com seu filho e esposa, onde abriu um consultório médico. Já em solo angolano, ocupou o cargo de chefia do MPLA e em 1960 foi eleito Presidente Honorário.

No dia 8 de Julho de 1960 foi preso novamente, em Luanda. Na ocasião foram realizadas manifestações de solidariedade diante de seu consultório médico e na sua aldeia que foram esmagadas pela polícia. Segue para a cadeia do Algarve em Portugal, logo depois é deportado para o arquipélago de Cabo Verde, ficando instalado na Vila de Ponta do Sol, ilha de Santo Antão, seguindo para Santiago, também em Cabo Verde, até outubro de 1962.

No continente africano a década de 1960 foi o marco das lutas pela libertação do domínio colonial, onde Portugal não concordava com a independência de Angola e também com a autonomia e os direitos dessa população. Devido a não colaboração de Portugal para conceder a liberdade de Angola, é desencadeada pelo MPLA, no dia 4 de fevereiro de 1961, a luta armada. Tem início então uma série de assaltos às cadeias de Luanda, seguido de uma forte repressão, sendo Agostinho Neto transferido para as prisões de Aljube em Lisboa, em 17 de outubro de 1962.

Antes disso, ainda em 1961, teve início uma forte campanha internacional em prol da libertação de Agostinho Neto, onde a revista *Présence Africaine* dedica um número especial à Angola, condenando severamente as autoridades fascistas portuguesas, expondo o receio pela vida dos prisioneiros, incluindo Agostinho Neto, formulando um apelo universal contra os torturadores da PIDE.⁸

⁸ The Times publica manifestações de protesto contra a prisão de Agostinho Neto, assinadas por figuras de mais elevada craveira intelectual, como o historiador Basil Davidson; os romancistas – Day Lewis, Doris Lessing, Iris Murdoch, Angus Wilson, Alan Silitoe; o poeta Jonh wain; o crítico de teatro inglês Kermeth Tynan; os dramaturgos jonh Osborne e Arnold Wesker.

Agostinho ficou preso em Aljube, Lisboa, até março de 1963. Em julho partiu com sua família de Portugal para a cidade de Kinshasa, no Congo-Leopoldville (atual República Democrática do Congo) onde o MPLA tinha sua sede exterior. Foi eleito presidente do MPLA durante a conferência Nacional do Movimento. No ano de 1963, o MPLA instalou-se no Congo-Brazaville, em consequência de sua expulsão do Congo-Leopoldville, que passara a dar o apoio total à FNLA.⁹

Fundada em 1954, a FNLA teve como nome de fundação União das Populações do Norte de Angola (UPNA). Em 1958 assumiu o nome de União das Populações de Angola (UPA). Em 1961, junto com o grupo PDA - Partido Anticolonial Democrático de Angola – constituiu-se de fato a FNLA, que era liderada por Holden Roberto, com sede na capital do Congo-Leopoldville, em Kinshasa, onde tinham um exército, contando com o apoio dos bakongos (MONIZ, 2018).

Começaram com a atividade de guerrilha em Moxico, Uíge, Cabinda e Kuanza-Norte, províncias angolanas, e tinham atividade política na comunidade de refugiados que pertenciam à etnia bakongo, angolanos que se fixaram no país vizinho, fugindo da repressão colonial portuguesa (MONIZ, 2018). “Caracterizada por um tradicionalismo histórico, a FNLA demonstrava grande sentimento de apego ao passado com pretensão de restaurar os valores e tradições dos antepassados” (CAPOCO, 2013 p.111).

Sob a liderança de Agostinho Neto, em 1963 o MPLA abriu uma frente militar de luta em Cabinda, segunda região política de Angola, e três anos mais tarde uma segunda frente no Leste de Angola. A luta pela libertação do país se estende, e as guerras nas colônias contribuíram para o desencadeamento da Revolução dos Cravos em Portugal, em abril de 1974, colocando fim ao regime fascista de Salazar. Em outubro desse mesmo ano, o novo regime português reconhece o direito das colônias à independência, e o MPLA assina o cessar-fogo.

Segundo Visentini (2013, p. 342), “a estagnação econômica, a solidariedade internacional à luta pela independência e o desgaste militar português na África levaram ao êxito da resistência angolana” em 1975, devido às inúmeras ameaças ao poder colonial português. Junto a isso, pode-se ainda ressaltar a rápida mudança pela qual a sociedade portuguesa vinha passando no início dos anos 1970 – tanto pela perda do mercado colonial, devido à entrada no Acordo de Livre Comércio Europeu, quanto pela crescente oposição da população ao regime ditatorial. Esses fatores culminam, em abril de 1974, na Revolução dos Cravos: movimento liderado por militares de esquerda portugueses que derrubou o regime salazarista em Portugal. A derrubada do Estado Novo permitiu que, já em julho de 1974, o novo governo anunciasse a concessão das independências às colônias africanas, o que Westad (2005, p. 218) denominou de “colapso do Império português” (BONACINA; SERPA, 2017, p. 135).

⁹ Frente Nacional de Libertação de Angola.

As negociações para o estabelecimento da independência em Angola de imediato se iniciam, levando à adoção, em 1975, do Acordo de Alvor, onde foi acordado o estabelecimento de um governo de transição, que incluía o MPLA, a FNLA e a Unita¹⁰. No entanto, o acordo não vingou e, na sequência, teve início a guerra civil no país entre os três movimentos.

O Acordo determinava um governo de transição entre Portugal e os três movimentos de libertação angolanos (MPLA, FNLA e UNITA) com o propósito de estabelecer os parâmetros para a partilha do poder e limitar as ações dos três movimentos após a obtenção da independência de Angola. O governo provisório – composto pelos representantes dos três movimentos - logo se fragmentou, com o aumento das tensões pela tomada de poder (WESTAD, 2005) (BONACINA; SERPA, 2017, p. 135).

Assim, o clima de paz durou pouco, e logo foi seguido pelo acirramento dos antagonismos dos diversos movimentos, que se posicionavam em meio à geopolítica de então, pautada no confronto entre EUA e URSS.

O reforço do poderio militar do MPLA, intensificado a partir dos Acordos do Alvor graças ao apoio soviético, traduzira-se na expulsão de Luanda da FNLA e da UNITA em Julho de 1975. O golpe foi sobretudo duro para Holden Roberto, que até aí confiara na superioridade militar do seu movimento, apoiado pelo Zaire e por forças dissidentes do MPLA. A UNITA jogara sempre numa outra perspectiva: a das eleições prometidas pelo Alvor, que esperava possibilitassem à sua base de apoio ovimbundu conceder-lhe uma significativa fatia do poder, que a sua componente militar estava longe de poder assegurar. O resultado da luta em Luanda, porém, liquidou na prática a esperança eleitoral e a execução do acordado no Algarve (CAPOCO, 2013 p.145).

Ao mesmo tempo o país teve seu território invadido por forças estrangeiras, e Agostinho liderou a resistência popular, apelando para a mobilização geral, opondo-se às forças estrangeiras, pelo Norte e pelo Sul. Em 11 de novembro é então proclamada a

¹⁰ União Nacional para a Independência Total de Angola, liderada por Jonas Savimbi, que havia deixado a FNLA. “Inicialmente estruturou-se segundo uma tendência pró Maoísta como fora sistematicamente notório nas posições de Jonas Savimbi. O discurso ideológico do partido andou muito orientado pela força das circunstâncias, querendo significar que se tratava de uma questão de sobrevivência, de interesses e resistência, primeiro; construção e consolidação, depois. Armando Marques Guedes é de opinião de que A UNITA atribui grande importância à cultura e tradições africanas e, por isso, segue o modelo da africanidade e da negritude na forma como foram aplicadas por Kenneth Kaunda e por Julius Nyerere, ou seja, no modelo zambiano e tanzaniano da construção da sociedade. Com outra visão, porém, Jardo Muekalia confirma o seguinte: ‘a UNITA era e continua a ser um partido ideologicamente de esquerda. Porém, as circunstâncias e a realidade geopolítica ditavam uma aliança com organizações, partidos e países de direita (...), estávamos ideologicamente no espaço do centro-esquerda’. (CAPOCO, 2013 p.112)

Independência de Angola e a criação da República Popular de Angola, por Agostinho Neto¹¹, tornando-se comandante-em-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola¹².

Em março de 1976 o exército sul-africano é expulso do país, e em 1977 o MPLA se torna MPLA – Partido do Trabalho, assumindo de forma oficial o marxismo-leninismo como orientação ideológica do partido e do Estado angolano.

O modelo ideológico do Estado em Angola, no período pós-independência, radica nas ideias expressas pelo líder do MPLA, o presidente Antônio Agostinho Neto, pronunciadas ainda em 1972: “no que respeita à organização econômica, dizemos que o povo angolano deve ser senhor das riquezas do nosso país, que são precisos salários justos para evitar a exploração dos trabalhadores. É o que, normalmente, se designa por via socialista. É o socialismo [...]. Eis a nossa orientação, a nossa linha”. Com esta filosofia, o novo Estado construía-se sob os fundamentos da ideologia marxista-leninista definida para orientar o Partido-Estado que continuava a revolução (CAPOCO, 2013, p. 189).

Em 1979, em tratamento de um câncer no fígado, Agostinho Neto falece em Moscou, deixando como legado um país enfim politicamente independente, liberto do domínio colonial, porém que ainda viveria momentos difíceis com o prolongamento do conflito armado da guerra civil entre, principalmente, o MPLA e UNITA, conflito esse que representaria a geopolítica mundial de então, em plena Guerra Fria entre URSS e Cuba, apoiadoras do MPLA, e EUA e países como a África do Sul do apartheid, apoiadoras da UNITA.

¹¹ Agostinho fala em seu discurso ao povo angolano sobre assuntos relacionados à luta pela independência econômica, à agricultura como base e a indústria como fator decisivo para o progresso do país. Fala sobre a criação de cooperativas no interesse da população camponesa, e de escolas, que teriam novas formulações para que pudessem atender ao povo, a estimular o processo de emancipação da mulher e de seu direito conquistado através da participação na luta de libertação. Afirma também a República Popular de Angola como um estado separadamente da igreja, um estado laico.

¹² Com a proclamação da República Popular de Angola, as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) são institucionalizadas em exército nacional.

3.2. Amílcar Cabral

Figura 3 – Amílcar Cabral



Fonte: <http://www.paigc.net/amilcar.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 4 – Bandeira do PAIGC, que depois viria ser base para a bandeira de Guiné-Bissau, mantendo a estrela negra de cinco pontas, em alusão à causa socialista na África, porém sem as iniciais do nome do partido



Fonte: <http://www.paigc.net/simbolos.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Nascido em 1924, Amílcar Lopes da Costa Cabral, nascido na Guiné-Bissau, Bafatá, foi um dos principais teóricos da luta armada para a libertação africana. Fez parte de movimentos intelectuais, culturais e políticos que tinham como objetivo libertar o povo colonizado da opressão e do colonialismo português. Integrou contribuições teóricas como o Marxismo-Leninismo e também Pan-africanismo, que marcaram as práticas e escolhas dos intelectuais e líderes dos movimentos de independência do continente, alguns deles através da luta armada. Seu pai Juvenal Antônio Lopes da Cabral era cabo-verdiano, nascido na ilha de Santiago. E sua mãe, Iva Pinhel Evora, também cabo-verdiana, nascida na ilha de Boa Vista. Seu pai foi importante na sua formação, além de escrever poemas, fazia duras críticas à colonização portuguesa, referindo-se às questões sociais em Cabo-Verde, citando também a questão agrícola, alertando sobre a seca e a fome como um perigo para a população, o que acabou por despertar no filho a consciência social aos problemas agrícolas e sociais enfrentados em Cabo-Verde (VILLEN, 2013).

O ativismo e formação política de Amílcar Cabral se iniciou no contexto da fundação, em Lisboa, da Casa dos Estudantes do Império (CEI), em outubro de 1944, um espaço de acolhimento para os estudantes originários dos territórios dominados pela colonização, e que foi importante também para o próprio governo colonial, já que era um espaço que permitia manter os estudantes em suas vistas, tornando possível o controle sobre os mesmos. Sua criação foi proposta por Vieira Machado, Ministro das Colônias, que tinha como intenção a fusão das recém-criadas casas de estudantes de Angola, Cabo-Verde e Moçambique. Personalidades como Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Lucio Lara, entre outros, faziam parte. Esta Casa de Estudantes foi importante na conscientização dos estudantes vindo das colônias portuguesas. Grande parte deles tinham ideias anticoloniais que contribuíram para a formação de suas consciências políticas. Devido aos debates e às atividades que eram realizadas no CEI, ela era constantemente alvo da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). Em seus relatórios diziam que havia um perigo para o Estado português por parte dos estudantes que ali frequentavam. Mais tarde esta casa criada pelo governo com a intenção de controlar os estudantes se tornou um centro

de sociabilização anti-salazarista, de (re)descoberta da cultura africana, de denúncia do colonialismo, onde se forma[ra]m politicamente alguns dos futuros dirigentes dos movimentos de libertação: Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Vasco Cabral” (CASSAMA, 2014, p. 39 apud DUARTE SILVA, 1997, p.25).

Em 1945, Cabral foi para Lisboa através de uma bolsa de estudos estudar agronomia com objetivo de tentar combater a fome e a miséria que devastou a ilha de Cabo-Verde em 1940, provocando a morte de cerca de 50 mil pessoas. Buscava na agronomia recursos para ajudar esta população. Publicou textos relacionados aos problemas agrícolas propondo condições de desenvolvimento e soluções para a vida da população de Cabo-Verde (VILLEN, 2013). Em 1952, voltou para a Guiné, trabalhando como engenheiro agrônomo da Estação Agrícola do Pessubé, na Repartição Provincial dos Serviços Agrícolas e Florestais, ficando encarregado de planejar e dirigir o recenseamento agrícola de 1953. Além disso, Cabral também realizou um trabalho científico de coleta de dados quantitativos sobre a composição da população “indígena” e de suas características culturais (FRANCO, 2009, p. 68).

Ainda em Portugal, chegou a fundar o Centro de Estudos Africanos, local de convergência de ideias relacionadas aos problemas do continente africano, e também se tornou diretor da Casa de África, em Lisboa. Participou de reuniões da resistência popular antifascista ao lado de outros estudantes, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e Mario de Andrade, também de colônias portuguesas, onde discutiam temas relacionados à negritude, socialismo, pan-africanismo e independência. Criou-se nesses estudantes o ânimo através dos autores Cheikh Anta Diop e Léopold Senghor, através dos debates e relações a respeito da defesa dos valores tradicionais e da dimensão cultural do continente africano, a luta pela dignidade do povo negro e a importância da civilização africana. Diop, responsável por acabar com o mito da inferiorização negra, a partir de seus estudos das civilizações africanas, em especial a civilização egípcia, ressalta a importância da antiguidade egípcia para a cultura africana evidenciando a existência da civilização africana a partir da cultura egípcia como berço da civilização africana com a intenção de reestabelecer o orgulho e a importância de ser negro, onde só poderiam resgatar a importância da civilização africana e sua história após a conquista de suas independências, lutando em busca da libertação contra o imperialismo e o colonialismo no continente (CASSAMA, 2014).

No caso dos territórios colonizados por Portugal, o sistema escolar se tornou um importante modelo de manipulação e opressão onde os indivíduos eram preparados a receber a formação política, social e religiosa com base nos padrões do colonizador, reforçando o seu poder nos territórios africanos, onde a história, geografia e o idioma do colonizador eram impostos e o conhecimento da cultura do continente africano e seus respectivos países eram desvalorizados e desrespeitados. Para Cabral (1978, p.64)

toda a educação portuguesa deprecia a cultura e a civilização do africano. As línguas africanas estão proibidas nas escolas. O homem branco é sempre apresentado como um ser superior e o africano como o inferior. As crianças africanas adquirem um complexo de inferioridade ao entrarem na escola primária. Aprendem a temer o homem branco e a terem vergonha de serem africanos. A geografia, a história e a cultura de África não são mencionadas, ou são adulteradas, e a criança é obrigada a estudar a geografia e a história portuguesa.

Desenvolveu, então, estratégias culturais e políticas baseadas no Marxismo-Leninismo, alinhados também às correntes ideológicas do Pan-africanismo e da noção de Negritude, chegando à conclusão que apenas denunciar os crimes não ajudaria libertar as populações de Cabo Verde e Guiné Bissau; era necessário radicalizar. Fato é que, após anos de trabalho em Angola e Guiné Bissau como engenheiro agrônomo, conheceu bem as realidades africanas, o que ajudou Amílcar Cabral a adaptar o Marxismo-Leninismo ao contexto africano. Nesse sentido, o marxismo-leninismo foi, para ele, como uma base teórica e política sobre a qual construiu sua própria teoria, desenvolvendo um projeto cultural e político original, que procurava responder aos desafios da luta contra o colonialismo e a favor da libertação nacional.

A primeira atitude de Amílcar Cabral foi conhecer e analisar as dinâmicas da sociedade colonizadora e colonizada. Amílcar Cabral usa da teoria marxista para efetuar a leitura da sociedade colonizada, com base no materialismo histórico e dialético, onde o conhecimento do processo histórico assume um papel central. Conhecer o processo histórico era para Amílcar Cabral um passo muito importante, pois, segundo ele, era um elemento essencial para compreender as diversas fases de desenvolvimento da sociedade. Amílcar Cabral fez uma análise do método dialético (materialismo histórico e dialético) utilizado por Karl Marx, para explicar as importantes mudanças ocorridas na história da humanidade, e chega a conclusão de que a leitura histórica realizada por Karl Marx não se adaptava às sociedades africanas colonizadas. É importante ressaltarmos aqui que Amílcar Cabral não discorda da leitura marxista da história da humanidade, mas sim da sua aplicação no que diz respeito às realidades africanas, porque a sua análise histórica foi centrada nas experiências europeias. Para Amílcar Cabral “aqueles que afirmam – e quanto a nós com razão – que a força motora da história é a luta de classes, decerto estariam de acordo em rever esta afirmação, para precisá-la e dar-lhe até maior aplicabilidade, se conhecessem em maior profundidade as características essenciais de alguns povos colonizados (dominados pelo imperialismo)” (CABRAL, 1978, p.74 apud CASSAMA 2014 p.64).

Sua admiração por Lenin era muito grande, de modo que sua obra teve uma influência decisiva na formação política de Cabral, que via no revolucionário russo um exemplo de dedicação à causa da revolução, e que em vários momentos orientou sua prática política no contexto de Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Podemos dizer que Amílcar era encantado pelas ideias do líder russo Lenine, seus feitos e pensamentos o conduziram durante o processo da luta pela independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Adotaria políticas leninistas ao PAIGC, como

disciplina, desconhecimento referente às identidades dos membros do partido, e ainda, inspirado em Lenine, o partido dava uma atenção às crianças da Guiné-Bissau e Cabo Verde, onde o partido adotou uma política de alfabetização da população das áreas libertas pelo PAIGC. A atenção especial ficava para as crianças, que para Amílcar, cuidar das crianças é cuidar do futuro do País. Para Cabral, ‘as crianças são as flores da nossa luta e a razão do nosso combate’, esta célebre frase foi inspirada em Lenin, pois segundo Amílcar Cabral ‘a dedicação às crianças tornou-se lendária, pois, para ele (Lenine) esses seres delicados e tantas vezes incompreendidos vítimas inocentes da exploração do homem pelo homem, são as flores da humanidade. A esperança e a certeza do triunfo de uma vida de justiça’ (CABRAL,1978,p.90 apud CASSAMA,2014 p.66).

Cabral também reconhecia em Lenin um intelectual de extrema qualidade, que colocava seu pensamento a serviços da emancipação da humanidade.

o valor e o caráter transcendente do pensamento e da obra humana, política, científica, cultural – histórica – de Vladimir Ilitch Lenine são há muito já um fato universalmente reconhecido. Mesmo os mais ferozes adversários das suas ideias tiveram de reconhecer em Lenine um revolucionário conseqüente, que soube dedicar-se totalmente à causa da revolução e fazê-la, um filósofo e um sábio cuja grandeza só é comparável a dos maiores pensadores da humanidade (CABRAL,1978, p.89 apud CASSAMA, 2014 p..65).

Em 1956 fundou o Partido Africano de Independência (PAI), com Aristide Pereira e seu irmão Luiz Cabral. Em 1960 o (PAI) se transformou em PAIGC, uma estrutura com a função de mobilizar e preparar o povo. Através do PAIGC como uma organização política, seu sonho era ver Cabo Verde e Guiné-Bissau livres da exploração e colonização. No início desse processo Cabral acreditava na via pacífica como caminho para conseguir o reconhecimento e a autodeterminação de Cabo Verde através da independência em relação a Portugal. O partido chegou a endereçar um memorando ao governo português, com expectativa de que a Assembleia das Nações Unidas (ONU) aprovasse a declaração anticolonialista. Neste memorando o partido ainda agia com paciência pelo diálogo. Porém, a questão da libertação por uma via pacífica negava mas não descartava a possibilidade da luta armada. Sem sucesso no diálogo, os militantes do partido tiveram como modelo as experiências das guerras populares no Vietnã e China e também nas guerrilhas de Cuba e Argélia, chegando à conclusão de que a luta armada era o único caminho para alcançar a independência e viver livre da opressão e colonização. Em 1963, manifestações e acontecimentos sociais deram início à guerra de libertação, chegando à via da luta armada no território da Guiné-Bissau, que viria durar pouco mais de 10 anos.

Amílcar preparou a luta após uma reunião realizada em Dakar, Senegal, com objetivos de formar os quadros militares do movimento. Buscou também apoios internacionais de países socialistas. Já em março de 1961 Amílcar viajou até Moscou, seu objetivo era

conseguir apoio do governo da URSS, o que não foi possível devido à desconfiança dos soviéticos, que suspeitavam de tendências pró-chinesas do partido. Conseguiu ajuda militar vinda de Gana e Marrocos e os membros do partido continuavam na luta por recrutar militantes para o campo militar e político. Cabral conseguiu apoio também da China, que fazia parte do bloco socialista, e da Suécia, que fazia parte do bloco capitalista. Circulava em diversos lugares sempre com a sua postura diplomática. Por sua formação e experiência profissional em agronomia, Cabral conhecia muito bem as comunidades rurais que foram fundamentais para por em prática a guerrilha, buscando ganhar a confiança da população devido ao seu conhecimento e experiência na região, utilizando métodos próximos dos adotados pelos comunistas na luta de libertação da China.

(...) foi essencial para o desenvolvimento de uma ação libertadora baseada na agricultura e no contexto rural o contacto com o movimento revolucionário chinês, na sua visita oficial à China em 1963. É nesta visita que ganha corpo a 'ideia de atacar o sistema colonial a partir do interior, erguendo-se do campo e cercando a cidade' (NEVES 2015, p. 8 apud ABADIA 2018 p. 197).

A luta armada iniciou-se definitivamente no dia 23 de janeiro de 1963, já que as denúncias e pressões internacionais não fizeram o governo português recuar dos territórios dominados. O PAIGC iniciou atacando o quartel de Tite localizado na margem sul do rio Geva, que era o comando de um batalhão português. A luta se desenvolveu de uma forma rápida no território nacional. Os portugueses foram surpreendidos neste ataque pois não esperavam que o PAIGC seria capaz de atacar o quartel. Este ataque ao quartel foi necessário para que o partido conseguisse armas, já que apesar da guerrilha ser aceita por parte da população, contando com vários membros, ainda faltava armamento, então o partido criou armadilhas como estratégias para conseguir o armamento necessário para todos que ali estavam dispostos a lutar pela libertação (CASSAMA, 2014).

Para Cabral a luta armada era fundamental para que o destino do povo fosse decidido, era uma forma de ato político. Para ele era necessário lutar e pegar em armas, mas também era preciso lutar sempre com a consciência política na cabeça, pois é a consciência do homem que guia a arma e não a arma que guia a consciência.

Sabendo bem de onde partimos, temos que saber bem para onde vamos com a nossa luta armada. A nossa luta armada, nós dissemos, é uma forma de luta política, que procura libertar a nossa terra da exploração econômica colonial imperialista. Este é que é o nosso objetivo fundamental, libertar as forças produtivas da nossa terra, da opressão, da dominação imperialista. (MANOEL, 2019, p.179)

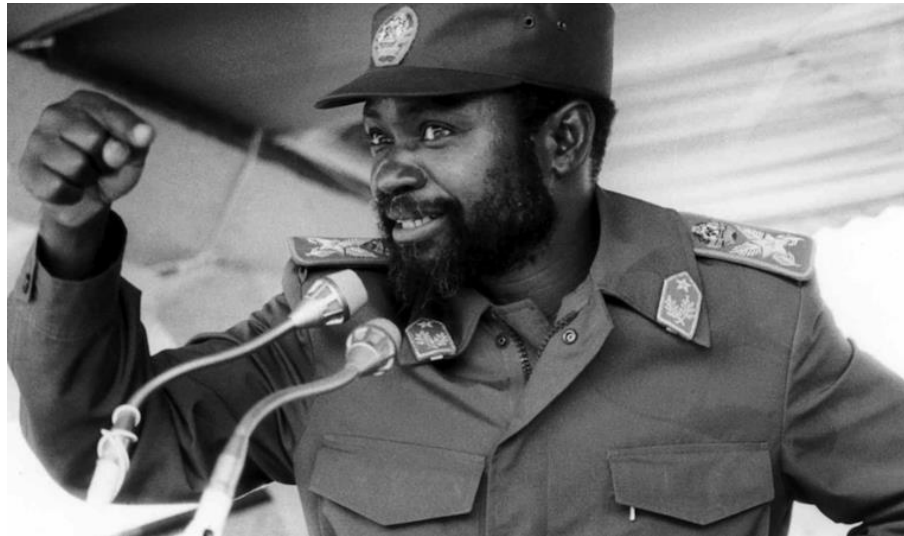
Devido à geografia e às condições climáticas da Guiné-Bissau a guerrilha foi um sucesso, mesmo com um armamento mais pesado foi difícil para os portugueses conter os guerrilheiros que se dirigiam para regiões que não eram de fácil acesso para os portugueses. As zonas já libertadas pelo PAIGC foram incorporadas em uma estratégia de guerrilha. Para Cabral era necessário a liberdade dos povos e também a liberdade contra o atraso, o medo e a ignorância, a favor do fim da estrutura capitalista e sua substituição pelo socialismo. As zonas libertadas deveriam ser igualmente zonas de produção, uma espécie de laboratório do poder, mas exercido pela população, livre do colonizador.

A luta armada durou 11 anos, a independência da Guiné-Bissau foi proclamada em 24 de setembro do ano de 1973, mas só foi reconhecida por Portugal no ano de 1974, após a Revolução dos Cravos. Podemos afirmar que o PAIGC foi fundamental instrumento na luta pela independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Que tinha como objetivo não só a libertação, mas a construção de uma nação e o desenvolvimento político econômico e social. Amílcar lutava por uma África livre e justa, por isso mantinha contato com outros líderes dos movimentos de libertação, ajudando Agostinho Neto na fundação do MPLA, desenvolvendo laços de trabalho com vários movimentos em todo o continente.

Assassinado em 20 de janeiro de 1973, em circunstância pouco conhecidas, Amílcar não viu a África ser livre do colonialismo, porém, mesmo com o seu assassinato o partido continuaria firme nos anos seguintes. A independência da Guiné-Bissau ocorreu no dia 24 de setembro de 1974, já a de Cabo Verde em 5 de julho de 1975, ambos formando uma unidade institucional, que duraria até 1980. Passadas mais de quatro décadas de sua morte, para as populações de Cabo verde e Guiné-Bissau, Amílcar foi e continua sendo um grande revolucionário. O pai das independências, Cabral segue vivo para eles. Só morrerá quando todos os problemas do país forem resolvidos (CASSAMA, 2014).

3.3. Samora Machel

Figura 5 – Samora Machel



Fonte: <https://zap.aeiou.pt/30-anos-ninguem-sabe-caiu-aviao-samora-machel-134100>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 6 – Bandeira de Moçambique, com uma enxada representando os camponeses, o fuzil kalashnikov representando a luta pela independência, e um livro, símbolo do estudo e da ciência, todos sob uma estrela de cinco pontas, símbolo da causa socialista



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_de_Mo%C3%A7ambique#/media/Ficheiro:Flag_of_Mozambique.svg.

Acesso em 19 de dezembro de 2019.

Neste capítulo será analisada a trajetória política e a luta revolucionária de Samora Machel junto à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) no processo de libertação nacional de Moçambique.

Samora Moisés Machel, nascido em Chilembene, Província de Ganza, em 29 de setembro de 1933, era de uma família de agricultores. Estudou em escolas nativas, que eram administradas pela Igreja Católica. Ainda como estudante já tinha conhecimento dos acontecimentos culturais, políticos e econômicos no mundo, como, por exemplo, os mais marcantes, a formação da República Popular da China, em 1949, e a independência de Ghana, em 1957. Após concluir os estudos com 18 anos, emigrou para Lourenço Marques, antigo nome da atual capital de Moçambique, Maputo, onde conseguiu um emprego para trabalhar num hospital. Em 1952 começou o curso de enfermagem e em 1956 trabalhou como enfermeiro na ilha de Inhaca (DOMINGOS, 2017). Em 1961, encontrou-se pela primeira vez com Eduardo Mondlane, um dos fundadores e primeiro presidente da FRELIMO, movimento esse que foi preponderante no processo de libertação nacional de Moçambique na luta contra o colonialismo português.

A FRELIMO foi criada em 25 de Junho de 1962, em Dar es Salaam, na República Unida da Tanzânia, tendo se mantido como sua sede no período inicial. Eduardo Mondlane foi seu presidente entre os anos de 1962 e 1969. De acordo com a historiografia, a FRELIMO nasceu da união de três grupos de moçambicanos exilados. São eles: a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), o *Mozambique African Nation Union* (MANU), e a União Africana de Moçambique (UNAMI). Tinham como membros camponeses pobres, em sua maioria analfabetos, antigos funcionários públicos coloniais, além de burgueses e pequenos burgueses, estes em minoria (MALOA, 2011). Após se firmar como movimento, a FRELIMO adotou como objetivo aniquilar o colonialismo através da luta armada, já que essa seria a única saída para a impor a derrota ao colonizador e garantir a independência do país. Por possuir uma formação heterogênea, no início a ideologia da FRELIMO congregava diferentes influências.

Alguns cientistas sociais, como Brito (1995) e Parafino (2005), afirmam que o marxismo-leninismo da FRELIMO era indefinido e ambíguo, os dirigentes foram influenciados pelas várias tendências “maoísta”, “leninista” e “stalinista”, que preponderavam no Leste europeu, e do marxismo iconoclasta do professor da Universidade Eduardo Mondlane, Jonh Saul. Para Brito, a versão stalinista da FRELIMO, não só proveio da cooperação internacional com a Rússia, China, Bulgária, Romênia, Vietnã, Iugoslávia, República Democrática da Alemanha e Coreia, mas também de estudantes da Universidade de Lourenço Marques, filhos de burgueses e pequeno-burgueses, que simpatizavam com o discurso marxista-leninista da época (MALOA, 2011, p. 87).

Porém, ainda que possuindo certa indefinição ideológica nos primeiros anos da formação do movimento, assim como nos casos do MPLA e do PAIGC o marxismo-leninismo acabou adquirindo um peso considerável na FRELIMO e em suas principais lideranças. À medida que a luta de libertação se desenvolvia, a ideologia marxista-leninista se afirmava como ideologia dominante da FRELIMO.

Um sintoma indicativo de que a orientação da Frelimo cairia, cedo ou tarde, sob os postulados teóricos do “marxismo-leninismo” pode ser rastreado em uma famosa entrevista [...] com Eduardo Mondlane em 1969, pouco antes deste último ser assassinado. Naquela entrevista o fundador da Frelimo admite que não havia nenhuma outra alternativa afora a adoção do “marxismo-leninismo”. Há uma coalescência de pensamento que atuou durante os últimos seis anos, dizia Mondlane, “...que me autoriza a concluir que a Frelimo realmente agora é muito mais socialista, revolucionária e progressista do que nunca. E é a linha, agora, a tendência, mais e mais em direção ao socialismo do tipo marxista-leninista. Porque as condições de vida de Moçambique, o tipo de inimigo que nós temos, não admite qualquer outra alternativa”. (MACAGNO, 2005, p. 4)

Após o assassinato de Mondlane no ano de 1969, seguido de disputas internas pela liderança do partido entre as principais tendências, o Comitê Central da Frente de Libertação de Moçambique decidiu então nomear Samora Machel como seu sucessor, se tornando o segundo presidente da FRELIMO. Eduardo Mondlane foi o seu incentivador a aderir à causa nacionalista e revolucionária através da FRELIMO. Assim como seu antecessor, Samora também seguia a tendência marxista-leninista, e enxergava o processo de emancipação nacional como parte da luta pela implantação de uma sociedade socialista, e tinha a própria construção do socialismo em Moçambique como via necessária para garantir a libertação nacional e sua independência em relação às potências imperialistas. Porém, antes de poder ser considerado um mero importador de ideologias estrangeiras, Samora procurava exercer seu marxismo-leninismo nas situações práticas particulares da realidade moçambicana, adaptando a teoria às condições reais e concretas de vida de seu povo, tendo a luta pela independência e pela emancipação como o exercício da política.

Ele, erigido como novo porta-voz da nação seria, também, um entusiástico formulador de uma espécie de “marxismo caseiro” adaptável às singularidades da “experiência” moçambicana. [...] Na fraseologia revolucionária de Samora podemos identificar algumas noções que indicam uma apropriação heterodoxa do marxismo. No entanto, quando Samora era interpelado acerca da apropriação destes princípios – e sua adequada aplicação à sociedade moçambicana – a resposta apontava para sublinhar que a teoria, no caso da Frelimo, surgiu da experiência colonial e da própria “prática revolucionária” (MACAGNO, 2005, p. 5).

Certa vez, em 1979, quando interpelado numa entrevista acerca da aparente contradição e eventual dificuldade que poderia representar a opção pela ideologia socialista marxista-leninista num país de população majoritariamente analfabeta, Samora respondeu o seguinte:

Esta questão reflete uma concepção errada do marxismo. Ela sugere que o marxismo é como uma bíblia. ‘Como eles podem aprender o catecismo se eles não sabem ler’...Quem faz o marxismo? O cientista fechado na sua biblioteca? O marxismo pertence ao seu criador. Quem é o criador do marxismo-leninismo?...O seu criador é o povo na sua luta multissecular contra as diferentes formas de exploração...A guerra popular de libertação, nossa ciência militar...foi elaborada e desenvolvida pelo nosso povo analfabeto. O marxismo-leninismo não surge na nossa pátria como produto de importação ou o resultado de mera leitura de clássicos. O nosso partido não é um grupo de estudo de cientistas especializados na leitura e interpretação de Marx, Engels e Lênin (CHRISTIE, 1996, p. 195-197 apud MACAGNO, 2005, p. 6).

De fato, a luta de libertação nacional em Moçambique teve início em 25 de setembro de 1964, tendo se estendido até 7 de setembro de 1974, quando Samora assinou junto ao governo Português – já derrubado o regime salazarista pela Revolução dos Cravos – o Acordo de Lusaka, que pôs fim à guerra colonial, pavimentando o caminho para a independência nacional que viria a ser oficializada no dia 25 de junho de 1975.

Em 1975, um governo “revolucionário” foi instalado. Os slogans eram “abaixo ao feudalismo;” “abaixo ao colonialismo;” “abaixo ao capitalismo” marcando assim o fim de uma sociedade colonial. As escolas e as fábricas foram enfeitadas com fotografias de Marx, Lênin e Samora Machel (FRY, 2003 apud MALOA, 2011, p.89).

Confirmando o caráter marxista-leninista da FRELIMO e da Luta de Libertação de Moçambique, o novo governo, sob a presidência de Samora Machel, estabeleceu um Estado unipartidário baseado nos princípios marxistas, angariando o apoio imediato da URSS e de Cuba, com a primeira desempenhando um papel determinante no apoio das lutas anticoloniais no terceiro mundo, especialmente em África, facilitada também por uma hostilidade crescente entre o Estado Soviético e o regime de Salazar (MALOA, 2011). Em fevereiro de 1977 a FRELIMO se autodeclarou oficialmente como marxista-leninista, o que acabou por aumentar a ajuda da URSS, culminando na assinatura de um acordo de comércio e cooperação entre os dois países que deveria durar 20 anos, buscando desenvolver estratégias econômicas e políticas conjuntas de atendimento às necessidades da população moçambicana, com vistas à formação de uma sociedade socialista (MANOA, 2011).

O discurso do lançamento do programa revolucionário, feito por Samora Machel, no III Congresso da FRELIMO em 1977, afirmava que: A FRELIMO era um partido da vanguarda da aliança operário-camponesa, sob a direção da classe operária, cujo objetivo é destruir o capitalismo. Cabia à FRELIMO a tarefa de dirigir, organizar, orientar e educar as massas, transformando-as num poderoso instrumento de destruição do capitalismo. A base ideológica é o marxismo-leninismo, uma vez que o marxismo-leninismo, constitui a síntese teórica das experiências das classes e dos povos oprimidos de todo o mundo (MALOA, 2011, p.89).

Porém, ainda que tenham sido despendidos enormes esforços para o desenvolvimento do país e para o melhoramento das condições de vida da população, o que se seguiu a partir daí foram anos de muitas dificuldades, sobretudo pela deflagração de uma guerra civil onde de um lado estava a FRELIMO, e de outro forças opositoras da anticomunista Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), conflito esse que só se encerraria em outubro de 1992, com graves consequências para a economia e para a infraestrutura do país.

E para piorar, após um período inicial de forte apoio soviético ao governo da FRELIMO, a crise econômica e política que se instalou já na década de 1980 na URSS fez diminuir as oportunidades de ajuda. A pobreza se tornou então uma questão urgente e ainda mais grave a ser resolvida e, em 1983, foi realizado o IV Congresso do partido da FRELIMO, onde foram discutidas, principalmente, a redução da ajuda da URSS, e a centralização das decisões políticas e orçamentais. A partir daí a estratégia da FRELIMO sofreu uma importante transformação. Samora Machel visitou os EUA em 1983, e o país passou a negociar com instituições vinculadas à *Bretton Woods*, tendo sido aceito no ano seguinte pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial, constituindo as bases para uma espécie de socialismo de mercado (MALOA, 2011).

Com essas mudanças a fim de recuperar a economia do país ainda em curso, em 19 de outubro de 1986, enquanto regressava de avião de Lusaka, capital da Zâmbia, Samora Machel sofreu um acidente, com a aeronave caindo em território sul-africano, pondo fim à vida do líder da luta de libertação moçambicana e presidente da FRELIMO e de Moçambique. A partir daí foi substituído por Joaquim Chissano, que implementou mudanças radicais no país, alterando a ideologia marxista pela capitalista, estabelecendo negociações de paz com a RENAMO, e promulgando uma nova constituição em 1990, adotando um sistema político multipartidário, com uma economia baseada no livre mercado.

4. HISTÓRIA DA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA: LUTAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ÁFRICA LUSÓFONA, IDEOLOGIAS E LIDERANÇAS

Após termos apresentado o contexto histórico e as origens da influência do movimento comunista – identificado na ideologia marxista-leninista – nas lutas anticoloniais e nos movimentos de libertação nacional terceiro-mundistas, principalmente na África, identificando suas principais lideranças e movimentos políticos, cabe nesse momento que seja apresentada a estrutura e o plano de elaboração de um curso de extensão com o tema *As Lutas de Libertação Nacional na África Lusófona: ideologia e lideranças*.

Este curso será proposto como complementação ao ensino de história de turmas do terceiro ano do ensino médio com participação máxima de 20 alunos em horário de contraturno, procurando acompanhar a obrigatoriedade do Ensino de História da África estabelecido pela Lei 10.639/03. Espera-se que através deste curso os alunos possam ampliar seus conhecimentos sobre a África, de modo a aprofundar os laços culturais e, principalmente, se utilizar do fato de compartilharmos o mesmo idioma, o que se coloca como potencial ainda pouco explorado no Brasil para estreitar a relação com os países africanos lusófonos.

Para atingir esse objetivo, optou-se por tratar de tema relativo à história contemporânea, mais especificamente os processos de luta anticolonial e pela libertação nacional e formação de países africanos. Essa opção reside no entendimento de que muitos trabalhos já vêm tratando nos últimos anos sobre a história da África, porém chamando a atenção para períodos anteriores, sobretudo pré-coloniais, com temas relacionados principalmente à ancestralidade e à cultura.

4.1. Objetivos

Sendo assim, a escolha para o tema deste curso de extensão pretende dar prosseguimento a esses trabalhos do ponto de vista histórico, dando ênfase para uma fase mais recente que representou um período de luta contra o racismo e pela emancipação dos povos africanos contra o domínio colonial, neste caso o português. Apresentar as principais lideranças desses processos e movimentos de caráter não apenas cultural, mas sobretudo político, é uma questão considerada fundamental para o curso a ser oferecido. A intenção é mostrar os *africanos como protagonistas de sua própria história*, lançar luz a um período de intensa mobilização popular que procurou romper com séculos de subjugação pautadas numa suposta supremacia racial e civilizacional, tendo a luta armada como única via possível para a conquista dessa emancipação, visto que os canais pretensamente democrático-liberais não se

fizeram chegar nesses territórios, muito menos para seus habitantes. Em outras palavras, este curso pretende reverenciar a memória daqueles que ofereceram suas vidas pela liberdade de seus povos, e que, infelizmente, são pouco conhecidos no Brasil, até mesmo dentro de parte considerável de círculos do movimento negro brasileiro.

Para realizar tal tarefa, o curso tem como objetivos específicos:

- (i) Contextualizar histórica e ideologicamente os processos e influências que culminaram nas lutas anticoloniais no terceiro mundo, especialmente na África lusófona;
- (ii) Identificar os países em que esses processos se deram;
- (iii) Identificar suas principais lideranças e movimentos políticos envolvidos na luta pela emancipação nacional;
- (iv) Articular sujeitos e ideologias, procurando compreender a importância da contribuição do movimento marxista-leninista nas lutas de libertação da África Lusófona no século XX.

4.2. Conceitos e Noções

Os principais conceitos e noções que deverão ser abordados serão:

(1) Colonialismo:

Sistema de dominação política e econômica dos países europeus contra povos da Ásia, África e, até o século XIX, América Latina, onde os Impérios e Estados europeus exerciam o papel de metrópole enquanto que os territórios dominados eram tidos como colônias de exploração e/ou povoamento. O colonialismo em África e Ásia se estendeu até mais de meados do século XX, com destaque para o colonialismo português, que subjugou povos africanos até a década de 1970. Em outras palavras, o colonialismo se caracteriza por uma orientação política ou por sistema ideológico em que uma nação lança mão para manter sob seu domínio, total ou parcial, os destinos de uma outra, procurando submetê-la nos setores econômico, político e cultural.

(2) Lutas de Libertação Nacional:

Surgiram no contexto do imperialismo e do colonialismo, sobretudo após o término da Segunda Guerra Mundial, quando se estabeleceu uma nova ordem global bipolar representada pela Guerra Fria entre EUA e URSS. A principal delas foi a chinesa, que culminou com a proclamação da República Popular da China no ano de 1949. Outros casos emblemáticos

foram o da Coreia, Cuba, do Vietnã e, já no continente africano, o da Argélia, que acabou servindo como referência para as lutas de libertação que se espalharam pela África nas décadas seguintes.

Do ponto de vista político as bases teóricas dos movimentos de libertação nacional se deram através da contribuição do revolucionário russo Vladimir Lenin, que identificou no imperialismo estatal dos países centrais do capitalismo uma das manifestações da luta de classes. Na visão dele a contradição burguesia x proletariado no capitalismo de então também se dava por meio dos Estados Nacionais, onde os povos da Ásia e da África eram oprimidos e explorados pelo colonialismo europeu a fim de dar sustentação à concorrência intercapitalista dos países centrais do capitalismo. Desta perspectiva, portanto, lutar contra a dominação colonial estava articulada com a luta contra a exploração de classe, ao passo que defender a independência e a soberania nacional desses povos era visto como uma etapa em direção à emancipação popular de caráter socialista dos mesmos.

(3) Marxismo-Leninismo:

Teoria do campo socialista que se consolidou através da política promovida pelo Estado Soviético, que procurava conciliar as bases teóricas e de análise da sociedade burguesa e da dinâmica do capital elaboradas por Karl Marx, principalmente no que se refere à concepção materialista histórica-dialética, com as contribuições de Lenin, especialmente no que diz respeito à organização política e partidária, o centralismo democrático, à atuação revolucionária, a teoria do imperialismo.

(4) África Lusófona:

Conjunto de países e povos africanos que foram colonizados por Portugal e que, por este motivo, compartilham da língua portuguesa como um de seus idiomas. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Para este trabalho, serão analisados somente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique.

(5) Lideranças e Movimentos Políticos:

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram destacadas as principais lideranças e os principais movimentos políticos de luta pela libertação dos respectivos países analisados. Sendo assim, temos que as lideranças são as seguintes:

- (i) Agostinho Neto, em Angola;
- (ii) Amílcar Cabral, em Cabo Verde e Guiné-Bissau;

- (iii) Samora Machel, em Moçambique.

Os movimentos políticos são:

- (i) Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA);
- (ii) Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC);
- (iii) Frente Nacional de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

4.3. Conteúdo do Curso

O conteúdo do curso deverá seguir a sequência de exposição deste trabalho, no caso as seções 1 e 2. Portanto, num primeiro momento será realizada uma contextualização do tema, apresentando as origens da articulação entre o movimento comunista e as lutas anticoloniais no terceiro-mundo e na África. Para isso será abordada a histórica contemporânea mundial do séculos XX e a história contemporânea da África, sobretudo pós-Segunda Guerra Mundial.

Na sequência serão apresentados os casos particulares de lutas de libertação nacional, destacando as suas respectivas lideranças e movimentos políticos que as conduziram, seguindo a sequência: Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, e Moçambique. Nesta etapa deverá ser destacada a influência ideológica do marxismo-leninismo nessas lideranças ao mesmo tempo que apresenta as informações mais básicas sobre a biografia de cada um deles e as diferentes fases da luta, desde os momentos de iniciação na militância política, de formação e formalização dos movimentos e partidos, períodos em que duraram as guerras e os momentos e contexto em que se deram as independências nacionais.

4.4. Procedimentos e Estratégias

O curso deverá ser oferecido num total de seis sessões com duração de 2 horas e 30 minutos, cada, com o seguinte planejamento:

- Sessão 1:

No início será realizada uma apresentação do curso, tratando da sua forma de organização, o tema a ser abordado, e os objetivos do mesmo. Após isso, será perguntado aos alunos o que vem a mente deles quando se fala em África, procurando contrapor possíveis preconceitos ou complementar comentários e impressões ditas pelos alunos. Em sequência será questionado sobre se eles sabem quais são os países africanos que falam português.

Para finalizar a primeira sessão, serão discutidos os conceitos e noções-chave que deverão perpassar todo o curso, de modo a familiarizar os alunos com a temática, e estimular que eles pesquisem mais informações para a sessão seguinte.

- Sessão 2:

Nesta sessão será feita uma abordagem inicial sobre Angola. Será identificada no mapa sua localização, além de se realizar uma contextualização geral a respeito de sua história e principais indicadores populacionais, sociais e econômicos. Em seguida será apresentada uma breve biografia de Agostinho Neto, sua trajetória política e o processo de formação do MPLA, destacando a influência da teoria marxista-leninista na luta anticolonial. Nesse momento serão utilizados os recursos didáticos, por exemplo, vídeos, músicas, mapas, poemas e imagens.

Após isso, os alunos serão estimulados a fazer perguntas e comentários, de modo a levantar questões para introduzir debates relacionados ao tema.

- Sessão 3:

Nesta sessão será feita uma abordagem inicial sobre Cabo Verde e Guiné-Bissau. Será identificada no mapa suas localizações, além de se realizar uma contextualização geral a respeito de suas histórias e principais indicadores populacionais, sociais e econômicos. Em seguida será apresentada uma breve biografia de Amílcar Cabral, sua trajetória política e o processo de formação do PAIGC, destacando a influência da teoria marxista-leninista na luta anticolonial. Nesse momento serão utilizados os recursos didáticos, por exemplo, vídeos, músicas, mapas, poemas e imagens.

Após isso, os alunos serão estimulados a fazer perguntas e comentários, de modo a levantar questões para introduzir debates relacionados ao tema.

- Sessão 4:

Nesta sessão será feita uma abordagem inicial sobre Moçambique. Será identificada no mapa sua localização, além de se realizar uma contextualização geral a respeito de sua história e principais indicadores populacionais, sociais e econômicos. Em seguida será apresentada uma breve biografia de Samora Machel, sua trajetória política e o processo de formação da FRELIMO, destacando a influência da teoria marxista-leninista na luta anticolonial. Nesse momento serão utilizados os recursos didáticos, por exemplo, vídeos, músicas, mapas, poemas e imagens.

Após isso, os alunos serão estimulados a fazer perguntas e comentários, de modo a levantar questões para introduzir debates relacionados ao tema.

- Sessão 5:

Convidar pessoas de origem africana, de alguns dos países abordados durante o curso, que também tenham conhecimento acadêmico sobre a história contemporânea de seus respectivos países e que possam fazer uma palestra sobre sua produção acadêmica e sobre seu conhecimento empírico sobre seu país de origem.

- Sessão 6:

Para essa última sessão será organizado um seminário, onde os alunos irão se dividir em 4 grupos de 5, e cada um deles escolherá um tema que mais lhe agrade, relacionado ao conteúdo das sessões anteriores.

4.5. Recursos didáticos

4.5.1. Mapas

Figura 7 – África Lusófona



Fonte: <http://balaodeletrinhas.blogspot.com/p/literatura-lusofona-africana.html>. Acesso em 19 de dezembro de

4.5.2. Imagens

- **Angola:**

Figura 8 - Agostinho Neto e militantes do MPLA recebem a visita de Che Guevara. Em representação do MPLA, Agostinho Neto participa em Alvor, Portugal, na assinatura do acordo para a constituição do “governo de transição”. A 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto proclama a independência de Angola.



Fonte: <http://www.mpla.ao/mpla.6/agostinho-neto.9.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 9 - Urna com os restos mortais de Agostinho Neto chega a Luanda



Fonte: <http://www.mpla.ao/mpla.6/agostinho-neto.9.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 10: Fidel e Agostinho Neto



Fonte: <https://youthandeldersja.wordpress.com/2012/10/03/angolan-embassy-in-cuba-honours-agostinho-neto/>.

Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 11 - O comandante e a guerrilha, formação do exército de libertação



Fonte: <http://jornalcultura.sapo.ao/historia/o-comandante-a-guerrilha-e-a-formacao-do-exercito/fotos>. Acesso em

16 de dezembro de 2019.

- Cabo Verde e Guiné-Bissau:

Figura 12 – Amílcar Cabral e Fidel Castro



Fonte: <http://amilcar-cabral.com/story/>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 13 – Amílcar com membros do exército de libertação



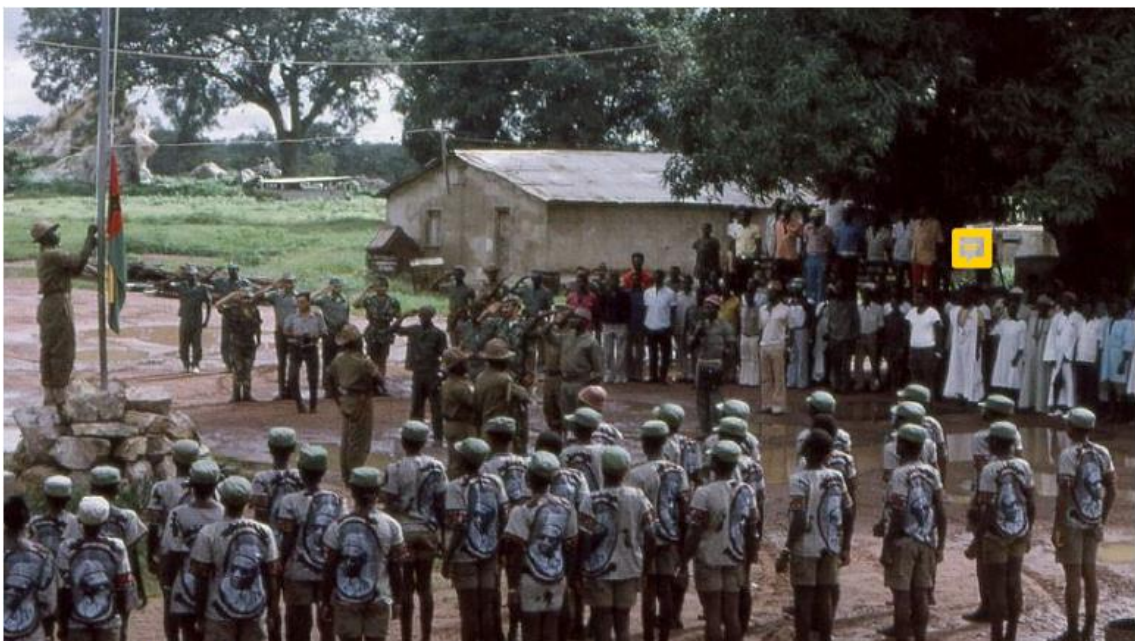
Fonte: <http://amilcar-cabral.com/story/>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 14 - Amílcar Cabral e as mulheres combatentes do PAIGC



Fonte: <https://www.buala.org/pt/a-ler/anatomia-de-uma-bem-sucedida-guerra-revolucionaria-exercito-portugues-versus-paigc-e-o-assassi>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Figura 15 - 24 de Setembro de 1973 a Guiné-Bissau declara-se independente de Portugal



Fonte: <http://ensina.rtp.pt/artigo/independencia-guine-bissau/>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

- Moçambique:

Figura 16 – O primeiro momento de Moçambique enquanto nação. Foi assim que no dia 25 de junho de 1975 a bandeira portuguesa hasteada no Estádio da Machava, na então Lourenço Marques e atual Maputo, dava lugar à bandeira da FRELIMO, que seria também a do recém formado país independente. Assim nascia a República Popular de Moçambique.



Fonte: [https://www.conexaolusofona.org/mocambique-40-anos-depois-da-independencia-de-onde-veio-e-para-
onde-vai/](https://www.conexaolusofona.org/mocambique-40-anos-depois-da-independencia-de-onde-veio-e-para-onde-vai/). Acesso em 19 de dezembro de 2019.

Figura 17 – Desfile público em comemoração pela vitória da Frente de Libertação de Moçambique na Guerra de Independência



Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/independencia-inibiu-producao-do-romance-em-mocambique/>. Acesso em 19 de dezembro de 2019.

Figura 18 – Samora Machel, líder militar e primeiro presidente de Moçambique, discursa na Proclamação de Independência do país, em 25 de junho de 1975



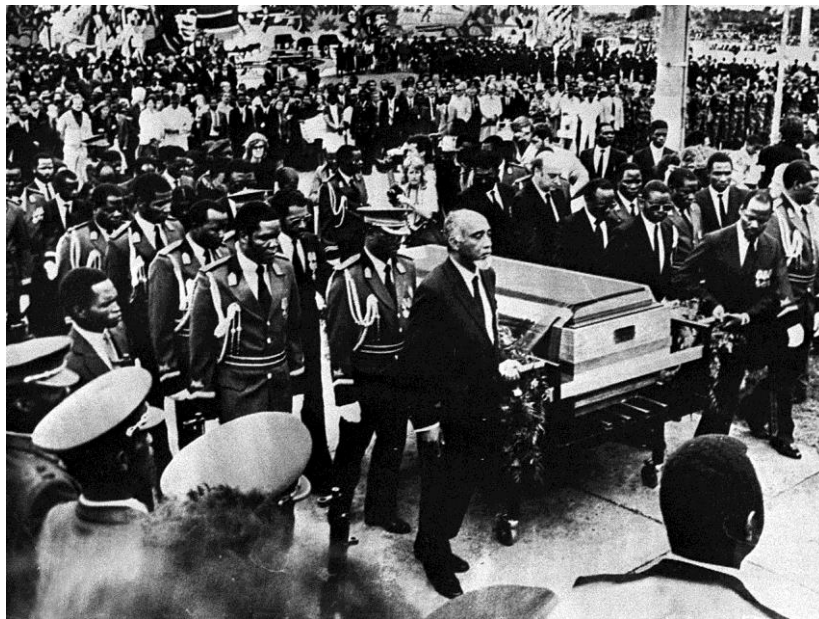
Fonte: <http://www.iea.usp.br/imagens/proclamacao-da-independencia-de-mocambique/view>. Acesso em 19 de dezembro de 2019.

Figura 19 – Funeral de Amílcar Cabral



Fonte: <http://cratediggs.blogspot.com/2016/09/happy-birthday-amilcar-cabral.html>. Acessado em 16 de dezembro de 2019.

Figura 20 - Caixaão com os restos mortais de Samora Machel transportado pelo bureau político da Frelimo



Fonte: <https://www.pinterest.ru/pin/313140980330062702/>. Acessado em 16 de dezembro de 2019.

4.5.3. Poemas

- **Agostinho Neto:**

Do Povo Buscamos a Força

*Não basta que seja pura e justa
a nossa causa
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós.
Dos que vieram
e conosco se aliaram
muitos traziam sobras no olhar
intenções estranhas.
Para alguns deles a razão da luta
era só ódio: um ódio antigo
centrado e surdo
como uma lança.
Para alguns outros era uma bolsa
bolsa vazia (queriam enchê-la)
queriam enchê-la com coisas sujas
inconfessáveis.
Outros viemos.
Lutar pra nós é ver aquilo
que o Povo quer
realizado.
É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres pra trabalhar.
É ter pra nós o que criamos
Lutar pra nós é um destino -
é uma ponte entre a descrença
e a certeza do mundo novo.
Na mesma barca nos encontramos.
Todos concordam - vamos lutar.
Lutar pra quê?
Pra dar vazão ao ódio antigo?
ou pra ganharmos a liberdade
e ter pra nós o que criamos?
Na mesma barca nos encontramos
Quem há-de ser o timoneiro?*

Ah as tramas que eles teceram!
Ah as lutas que aí travamos!
Mantivemo-nos firmes: no povo
buscáramos a força
e a razão
Inexoravelmente
como uma onda que ninguém trava
vencemos.
O Povo tomou a direção da barca.
Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura e justa
a nossa causa
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós

Fogo e Ritmo

Sons de grillhetas nas estradas
cantos de passáros
sob a verdura úmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.
Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.
Fogueiras
dança

tam-tam

ritmo

Ritmo na luz

ritmo na cor

ritmo no som

ritmo no movimento

ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços

ritmo nas unhas descarnadas

Mas ritmo

ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

Havemos de Voltar

Às casas, às nossas lavras

às praias, aos nossos campos

havemos de voltar

Às nossas terras

vermelhas do café

brancas do algodão

verdes dos milherais

havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes

ouro, cobre, de petróleo

havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos

às montanhas, às florestas

havemos de voltar

À frescura da mulembá

às nossas tradições

aos ritmos e às fogueiras

havemos de voltar

À marimba e ao quissange

ao nosso carnaval

havemos de voltar

*Havemos de voltar
à Angola libertada
Angola independente.*

- **Amílcar Cabral:**

Naus sem rumo

*Naus sem rumo,
Dispersas,
emersas,
sozinhas sobre o oceano...
sequiosas,
rochosas,
pedaços do africano,
do negro continente,
as enfeitadas filhas,
nossas ilhas,
navegam tristemente...
Qual naus da antiguidade,
Qual naus
do velho Portugal,
(...).
São dez as caravelas
Em busca do infinito...
À tempestade e ao vento,
Caminham...
Navegam mansamente
as ilhas
as filhas do negro continente
(...).
Sem rumo e sem fito,
Sozinhas*

*dispersas,
 emersas,
 nós vamos,
 sonhando,
 sofrendo,
 em busca do infinito!
 Mindelo, 1943*

Que fazer?!

*Que fazer?!
 Eu não compreendo o Amor
 Eu não compreendo a Vida
 Mistérios insondáveis,
 Formidáveis,
 Mistérios que o Homem enfrenta
 Mistérios de um mistério
 Que é a alma humana...
 Eu não compreendo a Vida:
 Há luta entre os humanos,
 Há guerra
 Há fome, e há injustiça imensa,
 Há pobres seculares,
 Aspirações que morrem...
 Enquanto os fortes gastam
 Em gastos não precisos
 querem...
 Aquilo que outros
 (...).*

Grito de Revolta

*Quem é que não se lembra
 Daquele grito que parecia trovão?!*

*É que ontem
 soltei meu grito de revolta.
 Meu grito de revolta ecoou
 Pelos vales mais longínquos da Terra,
 atravessou os mares e os oceanos,
 transpôs os Himalaias de todo o Mundo
 não respeito fronteiras,
 e fez vibrar meu peito...
 Meu grito de revolta fez vibrar
 Os peitos de todos os Homens,
 Confraternizou todos os
 Homens
 e transformou a Vida...
 ...Ah! O meu grito de revolta
 que percorreu o Mundo,
 que transpôs o Mundo,
 o Mundo que sou eu!
 Ah! O meu grito de revolta que
 feveceu lá longe
 na minha garganta!
 Na garganta-mindo de todos os
 Homens.*

4.5.4. Músicas

- **Angola:**

A Luta Continua (David Zé)

<https://www.youtube.com/watch?v=ih7uItINilc&list=RDychGhl7tLNU&index=1>

As Cinco Sociedades (David Zé)

https://www.youtube.com/watch?v=-_h0E-oLnBE&list=RDychGhl7tLNU&index=2

Quem matou Amílcar Cabral? (David Zé)

<https://www.youtube.com/watch?v=X3AoF3UpNPE>

Mwangolé / O Guerrilheiro (David Zé)

O Poder Popular

<https://www.youtube.com/watch?v=0qfsxtkfeAQ>

Imperialismo (Artur Nunes)

https://www.youtube.com/watch?v=XGebWi_YqHI&list=RDychGhl7tLNU&index=9

4.5.5. Vídeos

- **Angola:**

Discurso do Presidente Agostinho Neto na Proclamação da Independência de Angola

<https://www.youtube.com/watch?v=6NAYCTCkfw>

- **Cabo Verde e Guiné-Bissau:**

Documentário – Cabralista

<https://www.youtube.com/watch?v=KJab5uePfyk&t=321s>

- **Moçambique:**

Funeral Samora Machel

<https://www.youtube.com/watch?v=zCDpPp9OJTg>

<https://www.youtube.com/watch?v=WXuPITvtM9s>

4.5.6. Hinos

- **MPLA:**

I

Com o povo heróico e generoso
no combate pela independência
nossa voz por Angola ecoa
e faz recuar a tirania

II

Decididos, unidos marchamos
alto facho levado aceso
mpla, vitória é certa
pelo povo, todos ao ataque

III

Na manhã de quatro de fevereiro
os heróis quebraram as algemas
para vencer o colonialismo
e criar uma angola renovada

IV

Sob a bandeira do mpla
nossa luta contra a opressão
para o povo triunfará
nós fazemos a revolução

V

Do teu solo ora regenerado
pelo sangue mártir dos teus filhos
brotará, oh pátria querida
novo mundo, uma nova vida

VI

Sob bandeira do MPLA
nossa luta contra a opressão
com as armas triunfará
nós fazemos a revolução

- **PAIGC:**

Sol, suor, o verde e o mar;

Séculos de dor e esperança;
 Esta é a terra dos nossos avós!
 Fruto das nossas mãos,
 Da flôr do nosso sangue:
 Esta é a nossa pátria amada.
 Viva a pátria gloriosa!
 Floriu nos céus a bandeira da luta.
 Avante, contra o jugo estrangeiro!
 Nós vamos construir;
 Na pátria imortal A paz e o progresso!
 Nós vamos construir;
 Na pátria imortal;
 A paz e o progresso!
 Paz e o progresso!
 Ramos do mesmo tronco;
 Olhos na mesma luz: Esta é a força da nossa união!
 Cantem o mar e a terra;
 A madrugada e o sol;
 Que a nossa luta fecundou.

Autor: Amílcar Cabral - Compositor: Xiao He

- **FRELIMO:**

Viva, viva a FRELIMO,
 Guia do Povo Moçambicano!
 Povo heróico qu'arma em punho
 O colonialismo o povo derubou.
 Todo o Povo unido
 Desde o Rovuma até o Maputo,
 Luta contra imperialismo
 Continua e sempre vencerá.
Refrão:

Viva Moçambique!
Viva a Bandeira, simbolo Nacional!
Viva Moçambique!
Que por ti o Povo lutará.
Unido ao mundo inteiro,
Lutando contra a burguesia,
Nossa Pátria será túmulo
Do capitalismo e exploração.
O Povo Moçambicano
De operários e de camponeses,
Engajado no trabalho
A riqueza sempre brotará.

4.6. Método de Avaliação

Realizar um seminário na sessão final (sexta) relacionado a todo conteúdo e métodos de aprendizagem executados durante o período do curso, procurando identificar se os participantes se apropriaram dos seus objetivos e dos principais conceitos abordados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como propósito seguir a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental até o médio, à medida que estimula o estudo a respeito da história da África contemporânea a partir de suas lideranças, de modo que o povo africano fosse apresentado como sujeito de sua história, especialmente nas lutas de libertação nacional e anticoloniais no pós-guerra. Para isso, focou-se na história dos países africanos lusófonos – Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde, e Moçambique –, a fim de contribuir para reforçar os laços culturais entre o Brasil e esses países, e também de tirar proveito dos materiais (escritos, discursos, referências bibliográficas) de mesmo idioma, que deverão servir como conteúdo das aulas a serem oferecidas sobre o tema.

Observamos que as lideranças apresentadas – Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Samora Machel – e seus respectivos países de atuação compartilharam de algumas semelhanças. Uma delas, e a que foi destacada no trabalho, foi a influência ideológica do marxismo-leninismo e do movimento comunista internacional nas lutas anticoloniais que culminaram nos processos de independência de países do terceiro mundo, neste caso em especial na África. A colaboração teórica e também política e militar, especialmente pela URSS, foram determinantes no processo de formação dessas lideranças e dos próprios movimentos de libertação nacional.

Nesse sentido, o estudo desses personagens e suas ideologias demonstra o desafio que estes tiveram em adaptar os preceitos do marxismo-leninismo à realidade africana, e apresenta também seus personagens como lideranças não apenas políticas e militares, como também intelectuais, especialmente os casos de Agostinho Neto e Amílcar Cabral, enquanto que Samora Machel tinha uma formação mais prática e mais voltada para o serviço militar.

De todo modo, o que fica é a sensação de que embora a luta dessas lideranças e de seus povos tenham sido importantes para a superação de um regime racista e colonialista na África, o contexto geopolítico e econômico mundial daquele período parece não ter contribuído para a consolidação e efetivação dos objetivos iniciais dessas lutas, que era a construção de sociedades africanas socialistas, de superação da exploração do homem pelo homem e de garantia de um desenvolvimento econômico que fosse capaz de garantir melhores condições de vida para suas populações e romper com a dependência em relação aos países centrais do capitalismo.

Por fim, como símbolo dessa condição, fica a semelhança entre esses líderes no que diz respeito às suas mortes, todas prematuras. Amílcar Cabral foi assassinado em circunstâncias pouco conhecidas, mas que provavelmente contou com a participação de países imperialistas e de membros do próprio partido. Agostinho Neto morreu de câncer, poucos anos depois da conquista da Independência de Angola, num contexto bastante conturbado de conflitos internos no MPLA. E Samora Machel, após ter que rever a política econômica de Moçambique pós-independência, morreu na queda de sua aeronave, também em circunstâncias pouco conhecidas, interrompendo seu governo e criando as condições para o abandono dos preceitos marxistas-leninistas em seu país.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADIA, Danúbia Mendes. **As lutas anticoloniais em Guiné-Bissau e Cabo-Verde sob a perspectiva ideológica e a trajetória política de Amílcar Cabral (1960-1974)**. 2018. 369 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BRITO, Luis de. **Moçambique independente: o novo espaço político**. Texto de apoio. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, UFICS, 1995.

BONACINA, Amabilly; SERPA, Rafaela. A Revolução Angola e seu impacto internacional. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 131-143, 2017.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta I: A Arma da Teoria**. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade, Lisboa: Seara Nova, 1978.

CAPOCO, Zeferino. **O nacionalismo e o estado: um estudo sobre a história política de Angola**. Tese de Doutorado, PPGCP. Lisboa: ULC, 2013.

CHRISTIE, Iain. **Samora: uma biografia**. Maputo: Nadjira, 1996.

CASSAMA, Daniel Julio Lopes Soares. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné Bissau e Cabo Verde**. 2014. 91 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

DAVIDSON, Basil. **La liberazione della Guinea: aspetti di una rivoluzione africana**. Torino: Einaudi, 1970.

DOMINGOS, A. B. O Marxismo de Samora na Educação: um Sonho Desenvolvimentista de Conceber Políticas Sociais Interrompido? **ORG & DEMO**, Marília, v. 18, n. 2, p. 7-22, Jul./Dez., 2017.

DUARTE SILVA, Antonio E. **A independência da Guiné-Bissau e a descolonização portuguesa**. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

SANCHES, Edalina. Institucionalização dos Sistemas Partidários na África Lusófona: o caso caboverdiano. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 20, p. 111-138, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 2005.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **Amílcar Cabral**: a palavra falada e a palavra vivida. 2009 (Catálogo USP).

FRY, Peter. **Cultura de diferença**: sequelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral. Rio de Janeiro: Afro-Ásia, 29/30, 2003, p. 271-316.

GONÇALVES, Antônio Cipriano Parafino. A concepção de politécnica em Moçambique: contradições de um discurso socialista (1983-1992). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.3, p. 601-619, set./dez. 2007.

HARRIS, Joseph E.; ZEGHIDOUR, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). **História geral da África**, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010, p. 849-872.

LÊNIN, Vladimir Ilyich. **Imperialismo, etapa superior do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOSURDO, Domenico. **O marxismo ocidental**: como nasceu, como morreu, como pode renascer. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

MACAGNO, Lorenzo. Lendo Marx “pela segunda vez”: Experiência colonial e a construção da nação em Moçambique. In: COLÓQUIO MARX E ENGELS, 4., 2005, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 1-17.

MANOEL, Jones. **Revolução Africana**: uma ontologia do pensamento marxista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MALOA, J. M. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo, julho de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/510>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MONIZ, Fátima. **Libertação e independência de Angola**: a participação da Tanzânia na independência de Angola. Rio de Janeiro: Artprint, 2018

MILHAZES, J. **Samora Machel**: atentado ou acidente?. Lisboa: Alêtheia, 2010.

NEVES, José. Ideologia, ciência e povo em Amílcar Cabral. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 333-347, abr. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000200333&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

PARAFINO, A. A concepção politécnica em Moçambique: Contradição de um discurso socialista (1983-1992). **Educação e pesquisa**, São Paulo, v33, nº 3, p. 601-619, set/dez. 2005.

PAREDES, M. M. A construção da identidade nacional moçambicana no pós independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 131-161, dez. 2014

SILVA, Márcia. **A Independência de Angola**. Brasília: FUNAG, 2008.

STALIN, Josef. **Os fundamentos do leninismo**. São Paulo: Global Editora, 1980.

SECCO, Lincoln. **A Revolução do Cravos e a crise do Império colonial português: economia, espaços e tomadas de consciências**. São Paulo: Alameda, 2004

VILLEN, Patricia. **Amílcar Cabral e a crítica ao colonialismo: entre a harmonia e a contradição**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VISENTINI, Paulo Fagundes. PEREIRA, Analúcia Danilevicz. MARTINS, José Miguel Quedi. RIBEIRO, Luiz Dario. GROHMANN, Luiz Gustavo. **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto regional**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

WESTAD, Odd Arne (Ed.) . **The Global Cold War**. Cambridge: Cambridge, 2005.